

**Universidade Federal de Santa Catarina**

Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância

Aline Lemos Pizzio  
Patrícia Luiza Ferreira Rezende  
Ronice Muller de Quadros

# Língua Brasileira de Sinais V



Florianópolis  
2009

# **Tópicos de lingüística aplicados à Língua de Sinais: Semântica e Pragmática**

## **Capítulo 1: As formas de referência na língua brasileira de sinais**

São várias as formas de referência na língua brasileira de sinais. Temos poucos estudos realizados no Brasil, então esta disciplina torna-se bastante exploratória. Estaremos estudando detalhadamente o estudo realizado por Berenz (1996) que faz uma análise da deixis e de pessoa na língua brasileira de sinais. Além disso, estaremos usando referências de estudos de outras línguas, especialmente, de outras línguas de sinais, para pensar os mesmos fenômenos na nossa língua de sinais. Neste capítulo, iniciamos com a apresentação dos aspectos que podem indicar algum tipo de referência nas línguas de sinais estudadas. Sinalizaremos sobre pronomes, referência e sobre dêixis.

### **Pronomes nas línguas de sinais**

#### **As propriedades semânticas dos pronomes**

De acordo com Lyons (1981), existem três classes principais de expressões referenciais: nomes próprios, substantivos comuns (núcleo de sintagma nominal) e pronomes. Tradicionalmente, os pronomes têm sido tratados como substitutos dos substantivos, mas sua função mais básica é a função dêitica ou indexical. Isto é, pronomes são, para serem definidos como dêixis, primeira e principalmente um local espaço-temporal no contexto do enunciado. Alternativamente, eles podem ser vistos em termos de egocentricidade do contexto dêitico, no qual está sua mais subjetiva natureza. Assim, o contexto dêitico está centrado sob o 'aqui e agora' do falante. Por exemplo, o pronome de primeira pessoa 'I' do inglês refere-se normalmente ao próprio falante. Como o papel de falante passa de uma pessoa para outra no curso de uma conversação, então o ponto-zero do contexto dêitico será alternado entre os participantes, junto com a referência de 'I' e 'here'.

Lyons coloca, também, que o termo dêixis e 'index' são ambos originados na noção de referência gestual, ou seja, na identificação do referente pelo significado de algum gesto corporal por parte do falante. Qualquer expressão referencial que

apresente as mesmas propriedades lógicas dos gestos corporais é, em virtude disso, dêitica. Além disso, muitas expressões dêíticas são normalmente utilizadas em associação com algum tipo de referência gestual. O autor diz ainda que os pronomes ‘I’ e ‘you’ são dêixis pura, enquanto os pronomes de terceira pessoa são dêixis impuras, visto que trazem informações adicionais (tal como gênero) com a referência espaço-temporal.

Fillmore (1982) diz que os pronomes são prototipicamente dêíticos embora eles possam ter usos não-dêíticos (sentido expressivo ou social). Deste modo, alguns sistemas pronominais são encontrados em elementos dêíticos básicos, enquanto outros são encontrados em elementos dêíticos não básicos.

### **A questão dos pronomes nas línguas de sinais<sup>1</sup>**

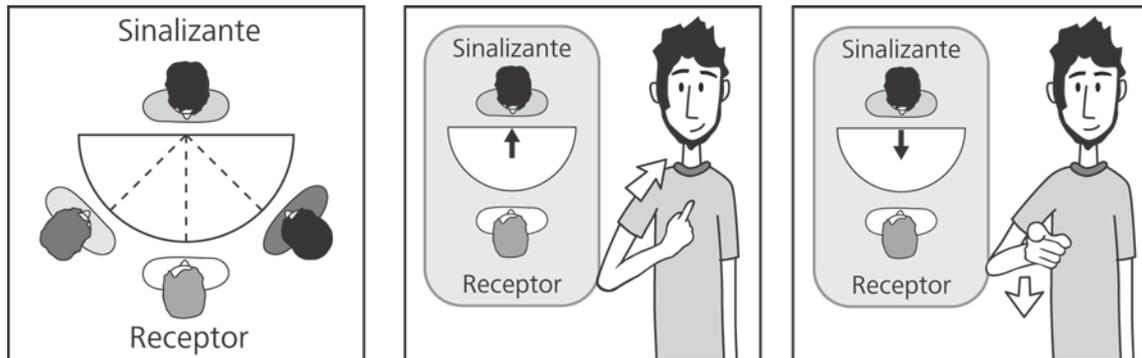
A questão dos pronomes nas línguas de sinais é um assunto bastante discutido entre os pesquisadores da área. Existem diferentes visões sobre a mesma questão: o status lingüístico dos pronomes. Para alguns autores, só existem os pronomes de 1ª pessoa, tanto do singular quanto do plural. As outras pessoas são apenas referências dêíticas, representadas pela apontação. Já outros autores assumem que não existe a categoria pronominal nas línguas de sinais, sendo todas as pessoas do discurso consideradas dêixis. Ainda, há autores que afirmam que a categoria pronominal é existente nas LSs. A seguir serão detalhadas as propostas de alguns autores (Lillo-Martin & Klima, 1990; Meier, 1990; Ahlgren, 1990; Berenz. & Ferreira-Brito, 1987) para a questão pronominal. Antes, porém, será descrito como o sistema pronominal nas línguas de sinais (ou a forma dos sinais que funcionam como pronomes) é organizado. Cabe ressaltar que este sistema ocorre da mesma maneira (pelo menos nas formas do singular) nas línguas de sinais, fato que pode indicar uma característica universal das línguas de sinais.

A forma do sinal utilizado com função de pronome pessoal é realizada pelo dedo indicador (um index) diretamente apontado para um ponto no espaço. Se o referente estiver presente na situação comunicativa, a apontação será feita diretamente para tal referente (figura 1).

---

<sup>1</sup> Esta revisão dos pronomes nas línguas de sinais inclui partes do texto de Quadros (1997).

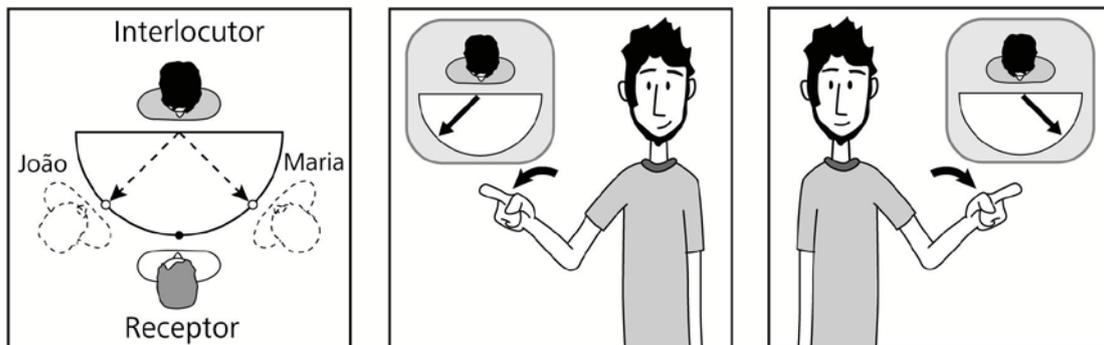
FIGURA 1 - Formas Pronominais usadas com Referentes Presentes



(Lillo-Martin & Klima, 1990:192 - Adaptado)

No caso de referentes ausentes, um ponto arbitrário no espaço de sinalização será associado ao mesmo. Assim, é possível associar 'João' a um ponto específico à direita e 'Maria' a um ponto específico à esquerda. Então, as formas pronominais são direcionadas para esses pontos arbitrários no espaço: à direita para 'João' e à esquerda para 'Maria' (figura 2).

FIGURA 2 - Formas Pronominais Usadas com Referentes Ausentes



(Quadros, 1997, p. 52 adaptado de Lillo-Martin & Klima, 1990, p. 193).

Lillo-Martin & Klima (1990) chamam essa disposição dos locais para a referência associados a um referente de 'estrutura da referência'. Essa estrutura pode mudar durante o discurso em ASL e essa mudança pode ocorrer de várias formas, incluindo mudança de expressões faciais, de postura corporal e estilo de sinalização.

Segundo esses autores, existem três aspectos do sistema pronominal da ASL que são incomuns do ponto de vista da teoria lingüística. São eles: a) um número

potencialmente infinito de pronomes pode ser considerado, b) referentes não-ambíguos e c) mudança de referência.

O primeiro deles diz respeito ao fato de que é possível, do ponto de vista da gramática, em oposição à performance, a existência de um número indefinido de formas pronominais (e assim um número potencialmente infinito de formas pronominais distintas). Isto seria em decorrência de existir, entre dois pontos associados a diferentes referentes, a possibilidade de se estabelecer um outro ponto referencial. É claro que há limitações perceptuais e de memória na implementação desse sistema complexo. Numa conversação real, raramente são usados mais de quatro ou cinco diferentes locais para a referência pronominal.

Quanto ao segundo item, não há a possibilidade de referentes ambíguos na ASL, pelo menos dentro da estrutura individual de uma sentença ou de um discurso. Sentenças em línguas faladas que poderiam gerar ambigüidade na interpretação dos referentes são evitadas em língua de sinais pelo uso desse sistema de referência pronominal distinto, que estabelece pontos específicos para cada referente pronunciado.

Isso também é verificado na libras. O uso do espaço é sistemático, favorecendo a identificação clara e correta do referente, o que pode ser visto através dos seguintes exemplos da libras em oposição aos exemplos análogos no português:

**PRONOME<sub>k</sub> CONVERSAR PRONOME<sub>k</sub>'**

'Ele conversou com ele'.

**PAULO<sub>k</sub> CONTAR JOÃO<sub>k</sub>' MULHER DELE<sub>k</sub> CAIR.**

'Paulo contou a João que sua mulher caiu.'

**PAULO<sub>k</sub> CONTAR JOÃO<sub>k</sub>' MULHER DELE<sub>k</sub>' CAIR.**

'Paulo contou a João que sua mulher caiu.'

Em português, 'Paulo contou a João que sua mulher caiu', têm duas possíveis interpretações para o pronome 'sua mulher':

- a) a mulher de Paulo
- b) a mulher de João

Essa ambigüidade das línguas faladas não é encontrada nas línguas de sinais, devido à retomada explícita do referente no espaço de sinalização.

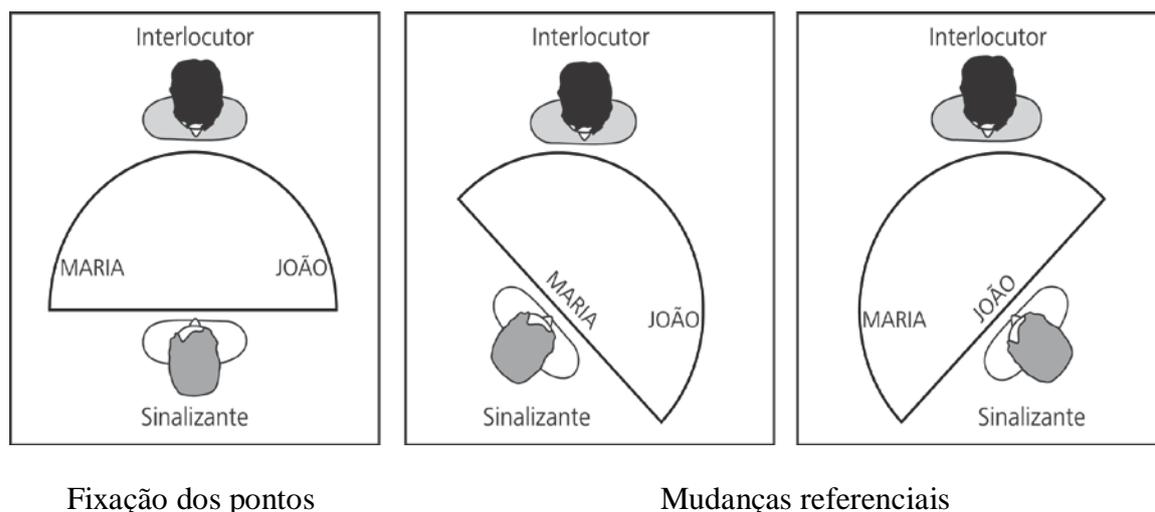
Por outro lado, segundo Berenz (1996), no exemplo, “a mulher ama POSS criança”, a interpretação de POSS é ambígua na língua brasileira de sinais. Não fica claro se o POSS refere à mulher ou a alguém fora do discurso.

O terceiro aspecto relativo ao sistema pronominal da ASL é seu potencial para mudança. Por meio de algumas estratégias, como a mudança na posição do corpo ou da direção do olhar, o sinalizante pode sinalizar ‘eu’ quando, na verdade, quer significar ‘João’. Este aspecto é o mais característico da modalidade visual das línguas de sinais e conhecido como ‘Role Shift’. Entretanto, é possível comparar essa peculiaridade com o uso de citação direta em oposição à citação indireta das línguas faladas, conforme o exemplo abaixo dado pelos autores, em que o pronome ‘I’ refere-se à ‘John’:

- (1) John said, ‘I want to go to Rochester’. (LILLO-MARTIN & KLIMA, 1990, p. 195)

Os autores ilustram este processo conforme apresentado na figura seguinte:

FIGURA 3 - Armação da mudança referencial



(Lillo-Martin & Klima, 1990:195 - Adaptado)

Ao analisar esses três aspectos mencionados acima, Lillo-Martin & Klima (1990) propõem uma análise do sistema pronominal da ASL como tendo apenas um pronome pessoal, representado por PRONOUN. Esse pronome é marcado com um index referencial (assim como a co-referencialidade é marcada nas línguas faladas). Entretanto, a diferença entre a ASL e o Inglês falado, por exemplo, é que em muitos casos o que são índices não pronunciados em inglês serão declaradamente pronunciados na ASL. Assim, os autores concluem que não há contraste para pessoa em ASL. Desta forma, ao considerar as diferentes formas que assume a configuração de mão G (index), tendo como base sua tradução para o Inglês como ‘me’, ‘you’, ‘him/her/it’, sugere-se que todas essas formas podem ser variantes de um único sinal dêitico cujo ponto de articulação e orientação serão determinados pela localização real do referente no mundo.

No nível de representação fonológica, os R-índices serão realizados como locações distintas no espaço de sinalização, a não ser que se apresentem dois pronomes com o mesmo R-índice, caso em que eles deverão ser realizados no mesmo R-local.

MARIA<sub>c</sub> CANSADA, IX<sub>c</sub> TRABALHAR, IX<sub>c</sub> IR SUPERMERCADO, IX<sub>c</sub> CUIDAR CRIANÇAS, SOZINHA<sub>c</sub>

Para Lillo-Martin & Klima (1990) os pronomes marcados com um R-local representam o sinal físico direcionado diretamente ao R-local. Esse sinal é interpretado como co-referente ao nominal que o introduziu. Assim, os sinais referenciais são interpretados como pares do sinal com o referente do discurso.

Kegl (1987) apresenta outra proposta. Segundo suas análises, o número dos pronomes nas línguas de sinais é finito e extremamente limitado. A autora apresenta três tipos de pronomes: forma completa, classificador e nulo.

A forma mais básica é a realização completa do pronome que consiste do uso do corpo. Isso pode se dar de duas formas: o uso do corpo do sinalizante ou a projeção de um corpo invisível análogo no espaço em frente ao sinalizante. O uso do corpo do sinalizante pode representar a primeira, segunda ou terceira pessoas pronominais (equivalente ao que foi referido por Klima e Bellugi como a forma de usar pronome por meio de armação da mudança referencial). A forma projetada no espaço pode, usualmente, representar a segunda e terceira pessoas.

Os pronomes completos projetados são realizados como um conjunto de pontos no espaço sem realidade visível, mas eles não podem ser confundidos com anáforas nulas. Segundo Kegl, o uso de anáforas nulas na língua de sinais é muito comum, porque o referente é predizível pelo contexto. Os pronomes que podem ser apagados limitam-se a sujeitos e objetos sentenciais.

Como já vimos em Libras III, os classificadores podem ser utilizados para referência textual ou pessoal. Kegl analisa o uso de classificadores como possíveis formas pronominais.

Diferente de Lillo-Martin e Klima, Meier (1990) propõe uma distinção entre pronome de primeira pessoa e pronome de não-primeira pessoa na ASL. O autor sugere que, ao invés da diferenciação entre as categorias de segunda e terceira pessoas, parece haver, isto sim, distinção entre as primeiras pessoas do singular e plural e as demais.

Na língua de sinais sueca (Swedish Sign Language – SSL), de acordo com Ahlgren (1990), a referência pronominal para pessoa é analisada como termos dêiticos de locação. Os elementos dêiticos podem ser descritos como apontação para algo na situação ou contexto do enunciado. O que é apontado são tempo, locação e pessoa. O autor mostra que há uma diferença semântica fundamental entre o sueco falado e a língua de sinais sueca na forma como a referência dêitica para pessoa é feita. Em sueco, há uma categoria especial de pronomes pessoais. Em SSL, não há essa categoria. A categoria Pessoa é referida deiticamente por sua locação, não por seu papel conversacional. Isto não quer dizer que não há pronomes em SSL; é perfeitamente possível tratar a apontação para uma locação de um referente como pronominal. Isto pode ser comparado aos pronomes demonstrativos das línguas faladas. Mesmo assim, não há uma categoria para pronomes, mas a SSL gramaticalizou a dêixis de locação de uma forma altamente estruturada e complexa para uma variedade de funções, incluindo a de referência à pessoa.

O equivalente aos pronomes pessoais em SSL são pontos indexicalizados. O sinalizante pode apontar para si mesmo, para o destinatário ou para algo/alguém de que fala como referência, o que caracterizaria primeira, segunda e terceira pessoas. Este tipo de apontação é puramente dêitico. Existem outros tipos de sinais apontados que não são dêiticos, como quando partes do corpo são designadas por apontação (referência genérica) ou quando a apontação é usada anaforicamente.

Quando a apontação é utilizada para designar pessoas específicas participantes da conversação, entretanto, não é o seu papel como sinalizante ou destinatário que está gramaticalizado. Na verdade, esses papéis não estão refletidos em nenhuma categoria gramatical na SSL. É a locação do sinalizante, do destinatário e outras relativas um ao outro que está gramaticalizada. A direção da apontação para o destinatário depende se a pessoa está à direita, à esquerda ou na frente do sinalizante.

Para sustentar esse argumento, o autor dá como exemplo um diálogo em sinais entre um casal com seu filho presente. Se a mãe diz que está feliz, se o pai pergunta se a mãe está feliz ou se o pai diz para seu filho que a mãe está feliz, isso não direcionará para uma escolha de sinais. Em todos os três casos, a mãe será diretamente apontada. Ou seja, é a locação relativa dos participantes que é importante e não o seu papel na conversação. Esta locação também é importante para a direcionalidade na flexão verbal e nos advérbios. O autor ainda enfatiza que a apontação é locação dêitica e não pessoa dêitica. E mais, a simples apontação não pode ser usada como função puramente vocativa. Para tal, a apontação deve ser realizada com movimentos repetitivos. Além disso, há sinais especiais para vocativos, que também incluem movimentos repetitivos.

Em relação ao uso da apontação como anáfora, o autor afirma que o sinalizante pode introduzir referentes e designar para eles uma locação no espaço de sinalização, isto é, o espaço em frente ao sinalizante. Assim, por exemplo, duas casas podem ser introduzidas num discurso com o sinal de CASA realizado primeiramente à esquerda do espaço de sinalização e depois à direita. Essas locações no espaço onde os sinais foram feitos podem ser usadas posteriormente como pontos de referência que o sinalizante usa para se referir às casas. A apontação para tais pontos de referência é anafórica. É a casa que foi designada àquela locação que está sendo apontada e não sua atual locação no espaço. Este uso da apontação é derivado do seu uso dêitico.

Há também uma outra forma de utilizar pontos de referência para referentes animados numa conversação. Esse processo é chamado, como visto anteriormente, de 'Role Shift' e consiste no uso da perspectiva dos pontos de referência (por meio do direcionamento do olhar ou do posicionamento do tronco do sinalizante para os pontos de referência) ao invés da apontação para os mesmos pelo sinalizante. É possível se dizer, segundo o autor, que as diferenças entre a apontação anafórica e o Role Shift são similares às diferenças do discurso direto e indireto. Entretanto, o Role

Shift vai além do discurso direto, pois serve tanto para relatar discursos quanto para relatar ações e não é restrito a humanos, serve para qualquer ser animado.

Com os dados apresentados acima, o autor conclui que a SSL não apresenta uma categoria gramatical para pronomes pessoais, mas que emprega um sistema complexo de termos de locação dêitica e suas extensões anafóricas para referenciar pessoas.

Para Berenz.& Ferreira-Brito (1987), que apresentam dados da língua de sinais americana (ASL) e da língua de sinais brasileira (Libras)<sup>2</sup>, os pronomes pessoais funcionam como pronomes reais e não como uma forma única com um local referencial associado e nem como advérbios locativos, como proposto pelos autores anteriormente mencionados. Para sustentar essa afirmação, as duas autoras trazem como argumentos os seguintes aspectos: a) os pronomes em ASL e Libras se ajustam à definição de pronomes dada por Lyons (1977); b) a orientação é um parâmetro para o sistema de pronomes e c) a locação em Libras e ASL é mais do que apenas uma locação real do mundo.

Em relação à questão (a), as autoras argumentam que se os pronomes são basicamente dêiticos e se a dêixis é uma locação espaço-temporal relacionada etimologicamente à referência gestual, conforme apresentado por Lyons (1981), então os pronomes pessoais na ASL e LSB são exatamente o que pronomes devem ser. Além disso, Lyons afirma que os pronomes são uma das principais classes de expressões referenciais, o que vai mais uma vez ao encontro dos pronomes em ASL e LSB, visto que os mesmos são expressões referenciais.

Quanto ao item (b), as autoras afirmam que, diferentemente do que diz Ahlgren, os pronomes pessoais nas línguas de sinais não são apenas locações e que a orientação é um componente importante do sistema pronominal. As autoras trazem dados de aquisição da ASL para sustentar seus argumentos, como a dificuldade na reversibilidade dos pronomes 'I' e 'you' pela criança. Assim como na aquisição de outras línguas por crianças ouvintes, a aquisição na ASL desses pronomes apresenta as mesmas características conforme mencionam os estudos de Petitto (1986, 1987). Petitto (1986) observou que nesse período ocorrem 'erros' de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças usam a apontação

---

<sup>2</sup> Na verdade, FERREIRA\_BRITO utiliza a sigla BCSL (Brazilian Cities Sign Language) para diferenciar as duas línguas de sinais existentes no Brasil: a língua de sinais usada pelos surdos e a língua de sinais utilizada pela tribo indígena Urubu-Kaapor.

direcionada ao receptor para referirem-se a si mesmas. A princípio, causa uma certa surpresa constatar esse tipo de erro nas crianças surdas devido à “aparente” transparência entre a forma de apontação e o seu significado.

Petitto descarta a hipótese de mudança de perspectiva (espelhamento); pois, no caso das línguas de sinais, se essa hipótese fosse verdadeira, as crianças deveriam apresentar erros de perspectiva de todos os sinais. Para Petitto, a criança usa o sinal ‘YOU’ como um item congelado, não dêitico, não recíproco e que refere somente a ela.

Petitto (1987) concluiu que, apesar da aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções lingüísticas que apresenta. Se as crianças não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e o seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais.

Petitto afirma que aspectos da estrutura lingüística e da sua aquisição parecem envolver conhecimentos específicos da linguagem. Ela conclui que, apesar da relação entre a forma e o símbolo, a apontação e seu significado, a compreensão das funções da apontação dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A idéia de que a gesticulação pode funcionar lingüisticamente é tão forte, que anula a transparência da apontação.

As semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças ouvintes e surdas sugerem um processo universal de aquisição de pronomes, apesar da diferença radical na modalidade.

Como argumento para a questão (c), Berenz.& Ferreira-Brito (1987) propõem uma análise tripartida para a locação, em que três níveis espaciais são diferenciados. No primeiro nível, a locação é vista como um componente interno da estrutura de um sinal. No segundo nível, a locação é vista como parte do espaço de sinalização usado como estrutura lingüística para pronomes (a interpretação espacial lingüística de referentes). O último nível é a locação atual dos participantes da conversação e dos referentes de terceira pessoa. Os dois primeiros níveis são lingüísticos e convencionais, já o terceiro não é.

Para a referência de primeira pessoa, esses três níveis de locação são realizados com o mesmo espaço físico, ou seja, a área na frente do corpo do

sinalizante (parte superior do tórax). Isto acontece devido ao que Lyons chama de egocentricidade da dêixis, já que o espaço de sinalização é ancorado pelo corpo do sinalizante. Para a referência de segunda pessoa, a realização dos três níveis de locação no espaço físico não co-ocorre, mas as diferenças não têm impacto na performance do sinal. Já a referência de terceira pessoa aparece como sendo mais complexa porque os três níveis de locação diferem.

## **Referência dêitica e anafórica na língua brasileira de sinais (Síntese de Berenz, 1996)**

**Dêixis** – Propriedade de alguns elementos lingüísticos, como os pronomes pessoais e demonstrativos, de aparecerem como ponto de referência de um contexto situacional, ou de um discurso, no lugar de serem interpretados semanticamente por si mesmos (Dicionário Aulete Digital).

Propriedade que têm alguns elementos lingüísticos, tais como pronomes pessoais e demonstrativos, de fazer referência ao contexto situacional ou ao próprio discurso, em vez de serem interpretados semanticamente por si sós; referência. (Dicionário Novo Aurélio Século XXI, Editora Nova Fronteira, 1999).

**Anáfora** – Processo sintático pelo qual uma palavra (p.ex., um pr. pess.) remete a outra(s) anteriormente referida(s) [Ex.: João e José são meus amigos. Eles também me consideram seu amigo.]

Elemento lingüístico cuja referência não é independente, mas ligada à de um termo antecedente. [Em João barbeou-se, p. ex., o reflexivo se só pode ser interpretado com referência a João.] (Dicionário Novo Aurélio Século XXI, Editora Nova Fronteira, 1999).

Nesta seção, vamos estudar a pesquisa realizada por Berenz (1996) sobre a referência dêitica e anafórica na língua brasileira de sinais. A autora apresenta evidências para o tratamento gramatical do sistema pronominal na libras<sup>3</sup>. A autora observou que esta língua apresenta um sistema pronominal tripartido (pronomes de primeira, segunda e terceira pessoas), com base na interação entre a configuração de mão de apontação, a tensão muscular da mão e a direção do olhar. Vamos seguir o próprio texto da autora, apresentando sua análise sobre os pronomes pessoais, sobre as anáforas especiais e as funções pronominais de nomes reduzidos e nomes em sinais.

---

<sup>3</sup> A tese de Berenz (1996) está escrita em inglês e utiliza a sigla LSB ao longo do texto.

## Pronomes pessoais

Na libras, o conjunto de pronomes pessoais se distingue em três pessoas (primeira, segunda e terceira) e em três números (singular, dual e múltiplo/mais de dois). O sistema não apresenta marcação de gênero, embora os pronomes de terceira pessoa possam ser precedidos dos sinais MASCULINO e FEMININO, quando a distinção é relevante. A primeira pessoa do plural inclui a distinção inclusivo/exclusivo (NÓS/ELES). A distinção que está sistematicamente no uso pronominal desta língua é a presença/ausência dos referentes não somente no nível da conversação, mas também com implicações nas formas pronominais, tornando-se uma distinção gramatical. Estes dois níveis serão analisados no contexto das diferentes formas que os pronomes tomam, conforme indicado em cada item a seguir.

### 1) Formas do singular

A configuração de mão G (figura 4) não necessariamente indica os pronomes na libras.



FIGURA 4

Essa configuração de mão se integra no sistema lingüístico como qualquer outra, isto é, tanto como item lexical, quanto como item dêitico. A produção e a percepção dos pronomes pessoais são independentes de seus objetos referenciais. O sinal LONGE na língua de sinais, produzido com a configuração de mão G, embora requeira o acompanhamento da direção do olhar por parte do sinalizante, não apresenta referência ao objeto pelo simples fato de levar o interlocutor a acompanhar a trajetória do dedo indicador estendido. O dedo indicador dêitico é usado somente em frases com um referente não presente na localização geográfica compartilhada entre os referentes como, por exemplo, na expressão 'Lá nos Estados Unidos, eu aprendi muito'. No sinal para LÁ deste exemplo, diferente da maioria dos sinais dêíticos, nunca a direção do olhar acompanha a indicação, mesmo na primeira referência realizada no discurso. Para a forma usada em LONGE e a forma em LÁ, o objeto não

está acessível visualmente (não pode ser visto) e, portanto, não pode ter um ponto terminal da apontação.

A forma do sinal com a configuração da mão G (apontação com o dedo indicador) é observada em sinais em que há transição entre movimentos dos pontos específicos e a modulação dos sinais, por exemplo, em VOCÊa VOCÊb VOCÊc, com uniformidade na configuração da mão, na orientação e no tamanho do movimento dentro do espaço de sinalização. Isso evidencia que os pontos específicos servem de input para a modulação, assim como acontece com os sinais (por exemplo, com verbos com concordância, DARa DARb DARc).

No nível da forma, os sinais dêiticos são descritos da mesma forma que os sinais lexicais. Somente no nível da interpretação que se observam especificidades. Os pronomes nas línguas de sinais servem para escolher, ao invés de denotar, seus objetos referenciais, assim como acontece com os pronomes nas línguas faladas. Eles fazem isso exatamente como é feito nas línguas faladas, por meio de convenções gramaticais e conversacionais.

Assumindo que a apontação dêitica nas línguas de sinais é pronominal, resta identificar quando as apontações pronominais serão pessoais ou demonstrativas. A diferença entre elas será determinada pela semântica e pela pragmática.

Os sinais para a forma pronominal do singular na libras são formados por um conjunto que compõe a configuração de mão G, a cabeça, o peito e as coordenações da direção do olhar em uma produção singular ou repetida, neste último caso para indicar ênfase. A configuração de mão vai ao encontro de um ponto com um movimento reto e relativamente tenso. Nesse sentido, faz contraste com IR-PARA com movimento em arco relaxado. Diferente de IR-PARA, o movimento dos pronomes parece ser somente necessário quando realizada a transição entre os sinais.

O alinhamento do corpo tipicamente observado para primeira e segunda pessoas é longitudinal associado com a cabeça, a direção do olhar, o peito e a orientação da mão. A primeira pessoa tem o dedo orientado para o peito, usualmente fazendo contato no meio do campo de sinalização do sinalizante. A segunda pessoa tem o dedo direcionado para a direção do ponto ocupado pela segunda pessoa do discurso estendido no mesmo plano da palma da mão. O pronome de terceira pessoa apresenta o dedo indicador estendido de forma perpendicular à palma da mão associada a mudanças na posição da cabeça e a direção do olhar levemente para cima

em direção à apontação, quando os referentes não estão presentes, em oposição à forma apresentada com referentes presentes.

Há uma preferência entre a opção ipsilateral da apontação com terceira pessoa que, por hipótese, deve-se à distinção entre os pronomes de segunda e terceira pessoas na libras. A posição mediana do corpo é preferida pelo pronome de segunda pessoa e evitada para o pronome de terceira pessoa que privilegia a posição ipsilateral. Quando os sinalizantes optam pelo uso da apontação contralateral cruzando a posição mediana do corpo, claramente o pronome não se refere à segunda pessoa, normalmente um referente não presente no discurso.

Na libras, os referentes não presentes são referidos de forma anafórica no sentido de estabelecerem co-referência com o seu antecedente. Sua interpretação completa depende dos elementos introduzidos durante a conversação. Todos os pronomes de terceira pessoa são dêiticos no sentido de eles “localizarem” o referente fora do discurso. Essa caracterização anafórica está claramente estabelecida quando a forma da terceira pessoa é acompanhada pela direção do olhar. Nas línguas de sinais, a direção do olhar apresenta uma função no nível discursivo, assim como nas línguas faladas. No entanto, além dessa função, observa-se que nas línguas de sinais a direção do olhar apresenta função fonológica que resulta de sua gramaticalização. No nível discursivo, a direção do olhar serve para direcionar a atenção do interlocutor para o objeto que está sendo indicado. Nos pronomes de terceira pessoa, o interlocutor quase nunca direciona o olhar para o referente indicado (quando o faz, realiza uma breve olhadela apenas na primeira ocorrência). Assim como com os demais sinais, o interlocutor mantém o olhar direcionado para o sinalizante. Com os referentes não presentes, o interlocutor nunca olha para o final da trajetória da direção do olhar associada aos pronomes de terceira pessoa produzidos pelo sinalizante. Portanto, não há uma indicação de que a direção do olhar apresente função discursiva, mas sim de que faça parte da forma pronominal.

A relevância fonológica da marcação da direção do olhar na libras não se restringe apenas aos pronomes. A coordenação entre a direção do olhar e a configuração da mão é uma característica de todos os sinais. Para aqueles sinais que não marcam a direção do olhar, a informação fonológica da ausência é tão relevante quanto aquela dos sinais que a marcam. Na libras, os sinais associados com menos direção do olhar têm um termo anafórico porque seu uso básico é anafórico, isto é, sua interpretação completa depende de uma relação lingüística de co-referência com

um antecedente. Outra evidência para considerá-los anáforas é que não podem estar associados com ênfase por meio de repetição, como observado nos demais pronomes. A impossibilidade de serem associados à repetição é uma característica das anáforas. Assim, parece que esses sinais com menos direção do olhar são pronomes demonstrativos.

Na libras, as apontações usadas no sintagma nominal junto com um nome com referência não presente é dêítica, pois esses sinais localizam o sinalizante fora da localização do referente. Além disso, há uma relação de co-referência com o nome que nomeia a localização apontada; portanto, também é anafórica. Assim, o fato de ser menos marcado para direção do olhar e ter a função anafórica não são suficientes para justificar que este tipo de apontação seja de terceira pessoa, ao invés de ser um pronome demonstrativo. O critério deverá ser fonológico, sintático e – principalmente – semântico.

Os pronomes demonstrativos e os pronomes pessoais possuem a noção de localização e diferem no sentido de que os primeiros têm a localização como referência e os segundos têm a localização pressuposta. Assim, na libras o pronome pessoal tem a localização do objeto referido por pressuposição. Embora ainda não haja dados suficientes para afirmar, a hipótese é de que a tensão muscular na mão e a duração da direção do olhar são critérios para separar o pronome de terceira pessoa do pronome demonstrativo.

Para realizações de pronomes de terceira pessoa para referir referentes não presentes, a orientação da mão para a direita ou para a esquerda vai ser determinada pelo discurso. Na libras, parece haver uma tendência da apontação ser ipsilateral, em que a orientação proximal contrasta com a contralateral e a orientação distal.

Referentes presentes são obrigatoriamente situados no espaço de conversação por estarem presentes; referentes não presentes (necessariamente terceira pessoa tomando como referência a perspectiva da conversação corrente) podem ser situados dentro da narrativa por meio de descrição lingüística, ou não. Os referentes não presentes, ao serem situados no espaço, são independentes dos meios pelos quais a referência é estabelecida e mantida no discurso. Ou seja, a referência pronominal e as mudanças de armação pronominal requerem que os seus referentes sejam situados no espaço narrativo. Situa-los no espaço traz relações de proximidade entre os referentes, presentes e não presentes, que exige interpretação. As relações de proximidade não fazem parte da interpretação dos referentes não presentes não explicitamente

localizados no espaço por meio de descrição lingüística. Assim, não há nada de extraordinário na forma do sistema pronominal das línguas de sinais.

Há uma outra forma pronominal que chama a atenção do nominal que está sendo introduzido. Isso acontece, algumas vezes, quando se soletra o nome de alguém ou de alguma coisa concomitante à apontação com a mão não dominante em direção à mão dominante. Nesse caso, o pronome chama a atenção do interlocutor para a soletração e a relação entre a soletração e o objeto referido é de inferência. Nesse caso, a soletração não refere a pessoa ou coisa referida, mas ao próprio nome, algo do tipo “Eu sou Ana, A-N-A”.

A pergunta é a seguinte: este pronome é de terceira pessoa ou é um demonstrativo? Embora na libras este pronome possa ocorrer com marcação acentuada da direção dos olhos, observa-se sua ocorrência menos marcada o que, claramente, indica ser um pronome de terceira pessoa. Além disso, observa-se que este pronome também não pode ser associado com a repetição, nem com tensão marcada na mão.

## 2) Pronome dual

A libras apresenta uma categoria gramatical do sistema pronominal chamada de número dual. A evidência para isso é encontrada nas formas dos próprios pronomes pessoais e nas modulações para número nos verbos. A marcação dual é uma categoria completamente gramaticalizada. Há, também, a forma dual recíproca, assim como acontece com os verbos. O fato de ser observado tanto nos pronomes, quanto nos verbos com concordância, indica que o número dual é gramaticalizado.

A incorporação de numerais acontece com pronomes e classificadores. Com os classificadores, por exemplo, o uso da configuração G, com os dedos para cima, refere coisas ou pessoas longas. A configuração V, com os dedos para cima, refere duas coisas ou pessoas. A configuração W, com os dedos para cima, refere três coisas ou pessoas, assim se estendendo também a incorporação da configuração de mão 4 que vai referir a quatro coisas ou pessoas. Com os pronomes é mais complexo, pois a configuração G não refere a uma pessoa necessariamente singular. A incorporação do número 2 vai incluir, além da incorporação, a informação inclusiva e exclusiva com a articulação no espaço neutro e marcada pela orientação da palma da mão.

Uma forma bastante comum de pronome dual é com a configuração de mão P, também usada nos pronomes possessivos.

Em relação à forma que a flexão dual toma, os pronomes antecedentes irão determinar de que lado o pronome dual será produzido. Essa produção também vai ser determinada pela posição dos referentes quando estes tiverem presentes no discurso. Um pronome de terceira pessoa, embora possa ser feito para a direita ou para esquerda, não pode ser feito na altura do meio do corpo, um fato que confirma a diferença entre os pronomes de segunda e de terceira pessoa.

### 3) Pronomes múltiplos/mais de dois

Na libras, todas as formas com o dedo indicador apontado com movimento em arco são consideradas múltiplas, em contraste com as formas singular e dupla.

Na forma coletiva, em que os não participantes estejam presentes, o sinal inicia com contato do dedo indicador no peito e faz o movimento em arco no plano horizontal e termina novamente com contato no corpo do sinalizante.

Para a forma coletiva, em que o dedo indicador inicia com o contato no peito e o movimento em arco vai na direção oposta num plano horizontal mais alto, o corpo mantém-se no mesmo plano vertical e o olhar não é fixado.

Para os coletivos em que todos os não participantes estejam presentes, o dedo indicador começa com o contato com o peito, o arco é feito num plano horizontal mais alto e termina com um movimento mais curto. Quando os não participantes não estão presentes, o dedo indicador apontado para cima inicia o movimento no ombro do sinalizante com contato e é feito um arco mais curto ainda. Nesses dois casos, a forma da direção será marcada para o primeiro e não marcada para o segundo.

A segunda pessoa múltipla pode ser uma forma coletiva do interlocutor ou uma combinação da forma singular do interlocutor mais não participantes. No primeiro caso, o arco da configuração da mão com o dedo indicador apontado começa em um plano mais alto que a altura do peito do sinalizante. No segundo caso, o movimento em arco é mais ipsilateral e a direção dos olhos se movimenta.

No caso exclusivo de referência coletiva a não participantes, o movimento em arco será ipsilateral ou contralateral e retornará para a posição central mais alta a frente do sinalizante. Nessa forma, diferente da do interlocutor com não participantes, tem-se a idéia de compor um ‘grupo de espectadores’.

Para a terceira pessoa múltipla, uma forma coletiva de não participantes (entidades), o dedo indicador se move em arco fora do espaço à frente do sinalizante. Para referentes presentes dos não participantes, o dedo indicador fica horizontal, para referentes não presentes, o dedo indicador fica perpendicular.

O sinal TUDO-plural também indica múltiplos. Nesse caso, a configuração de mão é substituída pela configuração da mão aberta associada a um movimento de rotação. Nesse caso, os referentes parecem sempre estar presentes.

As distinções das formas pronominais na libras apresentam questões para a semântica das referências de pessoa, pois não são irrelevantes e nem infreqüentes. As dimensões apresentadas sobre a dêixis da língua brasileira de sinais são interlinguisticamente centrais: emissor, interlocutor e os não participantes; singular, plural e múltiplo; inclusivo e exclusivo; presente e não presente.

### **Possessivos**

Os possessivos na língua brasileira de sinais apresentam-se nas três pessoas do discurso. Para a primeira pessoa, o possessivo pode ter três diferentes configurações de mão: G, P e B; para a segunda e terceira pessoas, os possessivos podem ter a configuração de mão G ou P. O movimento da primeira pessoa é em direção ao peito com qualquer uma das configurações com uma batidinha no peito intermitente; com a CM G, a batidinha é feita com o dedo indicador, com a CM P, com o dedo médio e com a CM B, com a palma da mão. O movimento associado à segunda é para a direção da segunda pessoa no espaço à frente do sinalizante. O movimento da terceira pessoa fica fora do espaço mediando a frente do sinalizante. A CM P adiciona ao movimento direcional um movimento interno abrupto (é o dorso da mão que faz o movimento abrupto, não os dedos).

Há uma distinção semântica entre as formas possessivas usadas. Ao perguntar ‘Qual o seu nome?’, tanto a forma com a CM G, como com a CM P são permitidas. No entanto, se o nome de alguém estiver escrito e o sinalizante perguntar ‘Este é o seu nome?’, somente a forma com CM P é permitida. Talvez seja porque no segundo caso se refere claramente a um nome, enquanto no primeiro pode ser tanto um verbo como um nome (como no espanhol: Como te chama?). Se isso for verdade, o sinal produzido com a CM G não seria um possessivo, mas um pronome pessoal.

Por exemplo, nas perguntas “onde você mora?” e “onde fica sua casa?” acontece a mesma distinção. Os casos nome/moradia/família designam existência. A hipótese é de que as formas pronominais com a CM G, pelo menos diacronicamente, são pronomes pessoais, ao invés de possessivos. Mas veja que mesmo assim mantém-se a ambigüidade sintática.

A variante com a CM B também apresenta esta ambigüidade sintática. Essa variante comumente ocorre em resposta às perguntas ‘qual o seu nome/como te chama’, ‘onde você mora/qual a sua casa’. Essa ocorrência também pode acontecer com a CM G, mas com uma forma análoga ao uso gestual usado por falantes de português concomitante ao uso do pronome possessivo. Independente disso, uma vez que o sinal se torna parte do léxico da língua de sinais, apresentando modulações próprias dos sinais, o seu uso não apresenta o mesmo status do gesto utilizado por falantes do português. Assim, o uso com a CM B é uma das formas do conjunto de possessivos da língua brasileira de sinais.

A forma plural dos possessivos no caso da CM G é idêntica a dos pronomes pessoais. No caso da CM P de não primeira pessoa, para a forma dual há um movimento intermitente em direção aos dois referentes; para a forma múltipla, o movimento é em arco.

### **Formas alternadas**

Há um conjunto limitado de outras configurações de mãos que podem substituir a configuração de mão G. Estas substituições são restringidas por fatores gramaticais ou sociais. A seguir serão analisadas as que foram identificadas até o presente.

#### *Configuração de mão – B e polidez*

A configuração de mão mais comum que substitui a G é a B. Para a primeira pessoa, a palma da mão virada para dentro encosta no peito uma ou duas vezes. Para a segunda pessoa, a palma da mão é virada para cima com os dedos direcionados ao interlocutor no meio do corpo do sinalizante. A terceira pessoa é formada com a palma da mão virada para cima com os dedos direcionados para a terceira pessoa fora do espaço que compreende o meio do corpo do sinalizante. Não há iteração na segunda e na terceira pessoas (iteração está associada à ênfase). Outra forma enfática que ocorre com a primeira pessoa envolve a tensão da configuração da mão. Para a

segunda e terceira pessoas, a ênfase é marcada por meio de uma transição abrupta do movimento ao terminá-lo, também com a configuração de mão tensa. O uso enfático do pronome possessivo com a segunda e terceira pessoas é incomum.

Os sinalizantes brasileiros evitam usar pronomes comuns em vários contextos conversacionais. Para este fim, há uma variedade de opções na língua brasileira de sinais que inclui a configuração de mão B. Essas formas são usadas quando o interlocutor já estabeleceu a atenção com foco no referente. No entanto, não é simplesmente o fato de estarmos diante de informação velha X informação nova; mas sim há aspectos relacionados com polidez envolvidos. Todas as três formas pronominais que envolvem a configuração de mão B podem ser usadas como formas mais polidas. Quando a atenção do interlocutor já está estabelecida com foco em um determinado referente, aspectos relacionados com polidez podem determinar a escolha da forma pronominal usada. Normalmente, a configuração de mão B é usada como “formas distantes” que entre usuários da língua brasileira de sinais refere, usualmente, aqueles que não sinalizam, que não tem familiaridade com a língua de sinais. A terceira pessoa indicada com a configuração de mão B, normalmente, é usada como “formas de audiência”, para referir alguém que está assistindo a conversação ou a palestra. Essa forma é usada para referentes presentes no espaço conversacional ou, no espaço da narração, para referentes que estavam presentes no tempo da narrativa.

A configuração de mão B também pode ser usada para a segunda pessoa do plural, sem distinção entre dual e múltiplo. Esta forma de plural ocorre como a segunda pessoa múltipla com a configuração de mão G, ou seja, a mão se move no plano horizontal pelo espaço neutro contralateral para o ipsilateral.

Nos estudos sobre os atos de fala envolvendo “pedidos”, Ferreira Brito (1995:159-200) afirma que a polidez na língua brasileira de sinais está baseada nas noções de familiaridade e intimidade. No presente estudo, a distância social e a familiaridade são pólos entre as diferentes práticas conversacionais que são determinadas pelos tipos de relações sociais e hierarquias entre os participantes. O uso da configuração de mão B apresenta-se nestes contextos. Além disso, se a configuração de mão B for dobrada (B<sup>v</sup>), o tom é mais formal ou irônico.

### *Configurações de mão assimiladas e formas coloquiais*

O possessivo P composto com uma forma do tipo de ‘pensar’ é feito para a primeira pessoa da testa para o peito e para a segunda e terceira pessoas da testa em direção ao interlocutor e a terceira pessoa, diferenciados pelo movimento feito no espaço à frente do corpo na posição mediana e fora da posição mediana, respectivamente.

Esses sinais significam o seguinte: “X pensa do próprio ponto de vista de X”. Para a primeira pessoa, pode receber a interpretação de “egoísta”. Quando reduplicado, pode significar que “a pessoa sempre só pensa nela”.

Há uma expressão idiomática originada da combinação do sinal de PROBLEMA e o possessivo P que passou a ser feita apenas com o possessivo P com uma expressão facial específica e o movimento mais lento que significa “problema é seu” ou “problema é meu”. Neste caso, houve a assimilação da configuração da mão que afetou tanto a parte lexical do sinal como a parte pronominal. Este sinal é usado apenas com não primeira pessoas do discurso.

Há também a substituição da configuração de mão G pela configuração de mão A’ com o dedo polegar estendido direcionado para a segunda e terceira pessoas em contextos muito informais de conversações casuais. Este pronome nunca é apresentado pelos sinalizantes como opção quando se solicita os pronomes por meio de elicitación.

### **Anáforas especiais**

As anáforas temporais e espaciais são distintas na língua brasileira de sinais. Elas apresentam formas similares, mas orientações de mão distintas. A base da mão das anáforas temporais está orientada de forma paralela ao plano frontal do corpo do sinalizante. A base da mão das anáforas espaciais está orientada de forma perpendicular ao plano frontal.

#### *Anáforas temporais*

As anáforas temporais são formadas por um conjunto de quatro sinais relacionados que não incluem as noções do sinalizante ou do interlocutor. Elas não incluem a noção de pessoas, mas de entidades individualizadas. Assim como o

pronome ONE no inglês, elas são terceiras pessoas marcadas como forma *default*. Diferente de ONE no inglês, elas são definidas e específicas.

A configuração de mão G aponta de forma consecutiva para a mão passiva que apresenta as configurações de mão de forma sucessiva para se fazer uma espécie de enumeração (o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto). As posições das anáforas temporais são elementos morfológicos dos sinais que apresentam origens no sistema dos classificadores, um sistema que representa entidades e não lugares.

Não há um mapeamento das posições da mão não dominante e as locações reais das entidades, nem há qualquer relação entre estas posições e os vetores ou pontos que têm sido propostos como associados com os pronomes pessoais. O único sentido para as localizações é que os sinais são feitos no espaço e o sinal utiliza estes espaços. Traduzir estes sinais leva uma análise lingüística inadequada. Como mencionado, as configurações de mãos usadas na mão não dominante estão relacionadas com um conjunto de classificadores, que neste caso são “longos”. Enquanto há uma relação entre as configurações de mãos usadas nas anáforas temporais e o classificador, a relação não está claramente estabelecida. A forma da anáfora temporal serve para estabelecer uma cronologia entre os referentes baseada na ordem em que eles são introduzidos no discurso.

Se o número for maior do que cinco, o sinalizante manterá a mão não dominante aberta e indicará sucessivamente para além dos dedos da mão. A mão ativa pode ser usada para indicar e atribuir outras informações a cada elemento indicado na mão passiva (como nome, idade, etc.).

#### *Anáforas espaciais*

Embora as anáforas espaciais sejam aparentemente muito parecidas com as anáforas temporais, há diferenças na forma e no significado que determinam esta classificação.

No nível da forma, a mão não dominante não varia, ou seja, é sempre na forma 5. Aqui, os dedos estendidos não correspondem a cinco referentes, mas indicam agregação. É usada para referir pessoas (talvez seja uma dêixis social e não uma dêixis pessoal). O uso desta forma não é sensível aos referentes incluídos no discurso, pois é somente acessado para referir a não participantes da conversação. As anáforas espaciais podem ter um papel interacional gramaticalizado e, portanto, serem incluídas na categoria de dêixis de pessoa. Neste sentido, a anáfora espacial difere da

anáfora temporal, uma vez que este último não inclui distinções relevantes interacionais.

A síntese de Berenz (1996) apresentada aqui traz várias formas gramaticalizadas e práticas conversacionais da língua brasileira de sinais que envolvem a referência dêitica pronominal. O trabalho apresentado evidencia a existência das formas singular e plural (dual e múltipla) do sistema pronominal. Além disso, a autora apresentou aspectos que se refletem na conversação traduzidos pelos graus de formalidade e estratégias relacionadas com intimidade e familiaridade.

## Capítulo 2: Significado das palavras

Neste capítulo, vamos tratar do significado das palavras. Isso não é uma tarefa fácil, pois não há um consenso entre os semanticistas sobre o que se entende sobre “significado”. Segundo Oliveira (2001), a dificuldade se encontra no fato de utilizarmos o termo “significado” para descrever situações de fala bem distintas. A autora apresenta os exemplos a seguir para ilustrar esta questão. Se perguntarmos “Qual o significado de *mesa*?”, estamos questionando sobre o significado de um termo, mesa. No caso de “Qual o significado de sua atitude?”, indagamos sobre a intenção do interlocutor, que é algo não-lingüístico. Podemos também falar sobre o significado da vida, das cores de um semáforo, e assim por diante. Com isso, verificamos que o significado da palavra “significado” é difícil de definir e que ele abarca diferentes contextos.

Porém, vamos tratar do significado das palavras, abordando a questão dos dicionários, verificando como podemos organizá-los e como as informações sobre as palavras podem ser descritas. Primeiramente, vamos dar uma visão geral de como os dicionários podem ser organizados e depois apresentaremos alguns aspectos que contemplam os dicionários, do ponto de vista da semântica. Dentre esses aspectos, abordaremos os postulados de significado, as propriedades de predicados, a derivação e os papéis de participantes, apresentando dados sobre a LIBRAS relacionados com esses aspectos sempre que possível. Abordaremos, também, a organização dos dicionários de LIBRAS, mostrando como estes são organizados e apresentando propostas novas para os mesmos.

## Sobre dicionários

Os dicionários são pontos centrais na descrição de qualquer língua. Todo bom dicionário deve conter, no mínimo, três tipos de informações sobre as palavras:

- 1) Informação fonológica (como a palavra é pronunciada ou sinalizada);
- 2) Informação gramatical (sintática e morfológica – das partes do discurso);
- 3) Informação semântica (significado da palavra).

Nesta unidade, vamos abordar questões importantes quanto à organização de um dicionário e como essas questões podem ser verificadas também em dicionários de língua de sinais, sejam eles dicionários impressos ou digitais. Serão apresentados exemplos para ilustrar os temas abordados, tanto em português como em língua brasileira de sinais.

O foco será a informação semântica das palavras do português e dos sinais da LIBRAS que usaremos como exemplos, ou seja, os vários sentidos semânticos que os mesmos apresentam. Por exemplo, no caso do português, é possível verificar o sentido semântico da palavra ‘manga’, a fruta, e ‘manga’, a parte de uma peça de roupa que cobre o braço. No caso da LIBRAS, podemos verificar o sentido semântico do sinal SÁBADO/LARANJA, isto é, o dia da semana e a fruta.

Primeiramente, vamos observar algumas propriedades essenciais a um bom dicionário (do ponto de vista de um semanticista). Segundo Hurford & Heasley (2004), uma delas é a interconexão entre as definições de um dicionário. Isto porque as relações de sentido entre predicados são muito importantes como parte da descrição semântica de uma língua.

Outra propriedade essencial ao bom dicionário é a precisão, ou seja, a definição dos significados de uma palavra com exatidão. Entretanto, isso nem sempre ocorre. Muitas vezes uma palavra é definida com termos vagos, como ‘designação comum’, ou então uma definição é dada sem o uso de uma marcação específica que indique o sentido de uma palavra determinada (como em casos de homonímia). Porém, isso é fácil de resolver, se for utilizada uma numeração subscrita ou sobrescrita para cada sentido de uma palavra ou de um sinal.

Outra questão importante é não confundir dicionário com enciclopédia. Muitos dicionários são enciclopédicos, pois não se restringem às informações estritamente relevantes para o sentido da palavra definida. Segundo Hurford & Heasley (2004), “um dicionário descreve os sentidos de predicados e uma enciclopédia contém informação fatural de uma variedade de tipos, mas geralmente não contém informação especificamente sobre os significados das palavras”.

Do ponto de vista dos lingüistas da área da semântica, um dicionário é uma lista de predicados e seus sentidos. Para cada sentido de um predicado há uma entrada de dicionário que lista as propriedades de sentido daquele predicado e as relações de sentido entre ele e outros predicados. Não há interesse em fatos não-lingüísticos sobre o mundo relacionados a um predicado. Há somente a descrição de propriedades de uma palavra que se relacionem ao seu sentido.

Agora, vamos analisar quais os postulados de significado que fazem parte da organização de um dicionário semântico para termos mais subsídios para compreender as relações de sentido de predicados.

## **Postulados de significado**

Os postulados de significado são fórmulas expressando algum aspecto do sentido de algum predicado. Eles representam um aspecto central em um dicionário semântico. Por meio deles, é possível deduzir informações sobre as relações de sentido, como a hiponímia e a antonímia, sobre restrições seletivas e anomalia (conceitos que serão explicados mais adiante). Com isso, daremos uma noção de como um dicionário semântico pode ser elaborado.

Para exemplificar o conceito acima, observe as seguintes entradas de um dicionário semântico hipotético (retirado de Hurford & Heasley (2004, p. 254)):

SER HUMANO:        predicado de um lugar  
                             Sinônimo de HOMEM<sub>1</sub>

HOMEM<sub>1</sub>:            predicado de um lugar  
                             Sinônimo de SER HUMANO

HOMEM<sub>2</sub>:            predicado de um lugar  
                         Hipônimo de MACHO  
                         Hipônimo de ADULTO  
                         Hipônimo de SER HUMANO

Agora, observe como formular um postulado de significado a partir das entradas acima:

$x \text{ HOMEM}_1 \equiv x \text{ SER HUMANO}$

Esse exemplo expressa o fato de ‘homem’ (no sentido 1) ser sinônimo de ‘ser humano’. É uma generalização que cobre qualquer coisa a que se aplica o predicado  $\text{homem}_1$ .

Entretanto, nem todas as informações que sabemos de um predicado estão expressas nos postulados de significado, mas podemos deduzir algumas coisas a partir deles. Isto porque os predicados de uma língua estão interconectados uns aos outros e podemos obter informações indiretamente a partir das relações de sentido entre predicados. Observe, então, as entradas de dicionário abaixo. Nelas são representadas diretamente duas relações hiponímicas:

METAL:  $x \text{ METAL} \rightarrow x \text{ MINERAL}$

MINERAL:  $x \text{ MINERAL} \rightarrow x \text{ SUBSTÂNCIA}$

A partir delas é possível deduzir uma terceira relação hiponímica, que não precisa ser expressa diretamente no dicionário semântico, conforme exemplo abaixo:

$x \text{ METAL} \rightarrow x \text{ SUBSTÂNCIA}$

Desta forma, se afirmamos que ‘metal’ é hipônimo de ‘mineral’ e que ‘mineral’ é hipônimo de ‘substância’, não há necessidade de expressar diretamente que ‘metal’ é hipônimo de ‘substância’. Isto mostra que há mais informação a respeito de um predicado do que aquelas que são explicitamente expressas.

Sendo assim, a relação de hiponímia pode ser direta ou indireta (nesse caso, ela é deduzida). A hiponímia é uma relação de sentido entre predicados de forma que o significado de um predicado está incluído no significado do outro. Podemos usar a expressão ‘é um tipo de...’ para nos referirmos à hiponímia. Veja outros exemplos: ‘o beija-flor é um tipo de ave’, ‘eucalipto é um tipo de árvore’, etc.

Além da relação de hiponímia, podemos encontrar outras relações semânticas. Uma delas é a restrição seletional, que é a restrição de um predicado a determinadas coisas a que se aplica. Por exemplo, se pensarmos no predicado ‘vermelho’, veremos

que ele se restringe a coisas concretas. Não podemos dizer que uma idéia pode ser vermelha e nem que a dor pode ser vermelha. Mas é possível afirmar que um pedaço de madeira é vermelho ou que uma flor é vermelha. Assim, é possível dizer que o predicado ‘vermelho’ pode ser aplicado a coisas concretas, isto é, a coisas não-abstratas. A restrição do predicado ‘vermelho’ a coisas às quais se aplica o predicado ‘concreto’ é uma restrição seletional.

A contradição é uma outra relação que podemos encontrar. Dizemos que uma proposição é contraditória de uma outra proposição se é impossível para ambas serem verdadeiras nas mesmas circunstâncias. Por exemplo, as sentenças ‘João matou Pedro’ e ‘Pedro não foi assassinado por João’ são contraditórias, ‘Ana está aqui’ e ‘Ana não está aqui’ também são contraditórias.

Já a anomalia é um absurdo semântico que pode ser encontrado nos significados dos predicados de uma dada sentença. Por exemplo, a sentença ‘Bia comeu a escada’ é anômala porque os significados dos predicados ‘comer’ e ‘escada’ não podem ser combinados dessa forma. Uma sentença anômala viola a restrição seletional. Cabe ressaltar que estamos lidando com os significados literais de predicados, não podemos pensar em interpretações metafóricas e figurativas de sentenças.

Entretanto, há casos em que não é possível usar postulados de significado como uma entrada de dicionário. Qualquer predicado cujo significado envolve uma mudança de estado (como por exemplo, morrer) precisará de alguma menção de tempo em sua entrada de dicionário. Veja os exemplos a seguir:

‘João morreu ontem de manhã’. (isso quer dizer que João estava vivo antes de ontem de manhã e depois de ontem de manhã ele estava morto)

‘Maria chegou ao Brasil ao meio dia. (isso quer dizer que, antes do meio dia, Maria estava fora do Brasil e depois do meio dia ela já estava no Brasil).

Os predicados graduáveis (como alto e baixo) também não são preenchidos pelos postulados de significado, pois necessitam de contexto.

Veja os exemplos abaixo:

‘Bia é alta’ e ‘Bia é baixa’.

Estas duas sentenças não são necessariamente contraditórias, pois vão depender do contexto. Vamos pensar em esportes: Bia pode ser baixa se for comparada com jogadoras de basquete, mas poderá ser alta se for comparada com jôqueis.

Agora, se pegarmos somente o predicado 'alto', por exemplo, veremos que não é necessário fazer a relação com seu antônimo para considerá-lo um predicado graduável. 'Alto' significará algo diferente dependendo do contexto em que ele é inserido. Ainda utilizando o contexto esportivo, 'alto' significará uma coisa no contexto de jogadores de basquete e outra coisa no contexto de jôqueis.

Para finalizar, é importante compreender que nem todas as relações semânticas de uma palavra são possíveis representar por meio dos postulados de significados. Eles foram feitos para dar conta de verdades que se mantêm em todos os contextos. Isso não inclui os verbos de mudança de estado e nem os predicados graduáveis, em que o contexto é determinante.

## Propriedades de predicados

Nesta seção, vamos analisar as propriedades de sentido de predicados, que constituem parte da informação dada em um dicionário semântico. Essas propriedades envolvem predicados de dois lugares e podem ser representadas na notação para postulados de significado. Serão apresentadas seis propriedades que se dividem em três grupos chamados de 'simetria', 'reflexividade' e 'transitividade', sendo que as duas propriedades de cada grupo estão diretamente relacionadas uma com a outra.

Simetria: dado um predicado de dois lugares, se para todo par de expressões referenciais X e Y, a sentença XPY acarreta<sup>4</sup> a sentença YPX, então P é simétrico. Ex: 'diferente' é um predicado simétrico. Veja o par de sentenças abaixo:

O Brasil é diferente da Argentina.

A Argentina é diferente do Brasil.

---

<sup>4</sup> Uma proposição X acarreta uma proposição Y se a verdade de Y vem necessariamente da verdade de X. Por exemplo, 'João matou Pedro' (X) implica que 'Pedro morreu' (Y).

Em um dicionário semântico, podemos encontrar a informação de que um predicado é simétrico por meio de um postulado de significado, conforme ilustrado abaixo:

DIFERENTE DE:  $x$  DIFERENTE DE  $y \equiv y$  DIFERENTE DE  $x$

Ou também é possível representar da seguinte forma:

DIFERENTE DE: simétrico.

Assimetria: dado um predicado de dois lugares P, se a sentença XPY é uma contradição de YPX, então P é um predicado assimétrico. Ex: 'mais alto do que' é um predicado assimétrico. Veja o exemplo a seguir:

'Maria é mais alta do que Joana' é uma contradição de 'Joana é mais alta do que Maria'. Sendo assim, 'mais alta do que' é um predicado assimétrico.

Da mesma forma que o predicado simétrico, um predicado assimétrico poderá ser expresso como um postulado de significado em entradas de dicionário, conforme mostrado abaixo:

MAIS ALTO DO QUE:  $x$  MAIS ALTO DO QUE  $y \rightarrow \sim y$  MAIS ALTO DO QUE  $x$

Ou

MAIS ALTO DO QUE: assimétrico

Reflexividade: dado um predicado de dois lugares P, se para toda expressão X (ou se para todo par de expressões referenciais X e Y, que tenham o mesmo referente), a sentença XPX (ou a sentença XPY) é analítica<sup>5</sup>, então P é um predicado reflexivo. Ex: João é tão alto quanto ele mesmo.

Irreflexivo: dado um predicado de dois lugares P, se para toda expressão referencial X (ou se para todo par de expressões referenciais X e Y, que tenham o mesmo referente), a sentença XPX (ou a sentença XPY) for uma contradição, então P é um predicado irreflexivo. Ex: João é mais alto do que ele mesmo.

---

<sup>5</sup> Uma sentença analítica é uma sentença que é necessariamente verdadeira, em consequência dos sentidos de suas palavras.

Transitivo: dado um predicado de dois lugares P, se para todo trio de expressões referenciais X, Y e Z a sentença composta XPY e YPZ acarreta a sentença XPZ, então P é transitivo. Ex: ‘O rei está na casa do tesouro’ e ‘a casa do tesouro fica em seu castelo’ acarreta ‘O rei está em seu castelo’. Logo o predicado ‘em’ é transitivo.

Intransitivo: dado um predicado de dois lugares P, se para todo trio de expressões referenciais X, Y e Z a sentença composta XPY e YPZ é uma contradição da sentença XPZ, então p é intransitivo. Ex: ‘Maria é mãe de Luis’ e ‘Luis é pai de Ana’ é incompatível com ‘Maria é mãe de Ana’, então ‘mãe de’ é intransitivo.

Para finalizar, qualquer relação expressa por um predicado que seja reflexivo, simétrico e transitivo chama-se relação de equivalência. Por exemplo, ‘mesmo que’ expressa uma relação de equivalência, enquanto ‘diferente de’ não o expressa.

## Derivação

Derivação: é o processo de formar novas palavras de acordo com um padrão (um tanto quanto) regular, partindo da base de palavras pré-existentes. Na derivação há três processos simultâneos: processo morfológico, em que a forma de uma palavra é modificada ao ser acrescentado a ela um prefixo ou sufixo; sintático, na passagem de uma palavra de uma categoria do discurso para outra categoria (como de substantivo para adjetivo) e semântico, em que é produzido um novo sentido.

Veja os exemplos no quadro abaixo:

	Processo Morfológico	Processo Sintático	Processo Semântico
Nadar: Nadador	Acrescentar o sufixo -dor	Modificar de verbo para substantivo	Produzir uma palavra denotando um agente.
Branco: Brancura	Acrescentar o sufixo -ura	Modificar de adjetivo para substantivo	Produzir uma palavra denotando uma propriedade.

Lavar: Lavagem	Acrescentar o sufixo -agem	Modificar de verbo para substantivo	Produzir uma palavra denotando um ato ou uma atividade.
-------------------	----------------------------------	---	---

Apesar de os exemplos acima, nem sempre ocorrem os três processos na derivação. É possível haver processo semântico e sintático e não o morfológico, este caso é também conhecido como ‘derivação zero’. ‘Patrulha’ (substantivo denotador de um ato) é derivado de ‘patrulhar’ (verbo transitivo). O substantivo ‘patrulha’ é um exemplo de derivação zero. Também é possível ocorrer o processo morfológico e o semântico, sem o sintático, ou seja, sem uma mudança na categoria do discurso.

Há casos, também, em que uma ‘mesma’ palavra é usada em duas diferentes categorias do discurso, como por exemplo ‘fala’ substantivo e ‘fala’ verbo<sup>6</sup>. Nesse caso, há um processo semântico envolvido, ou seja, uma mudança de sentido.

Existem vários tipos de diferenças semânticas entre uma palavra derivada e sua palavra-fonte. A seguir, vamos apresentar os rótulos classificatórios para os tipos de derivação existentes nas línguas, criados pelos semanticistas, como forma de explicação das diferenças de significado. São eles:

Incoativo: denota o início, ou o vir a ser, de algum estado. Ex: ‘escuro’, que denota um estado e ‘escurecer’ (verbo intransitivo), que é a forma incoativa correspondente, denota o início de um estado de escuridão.

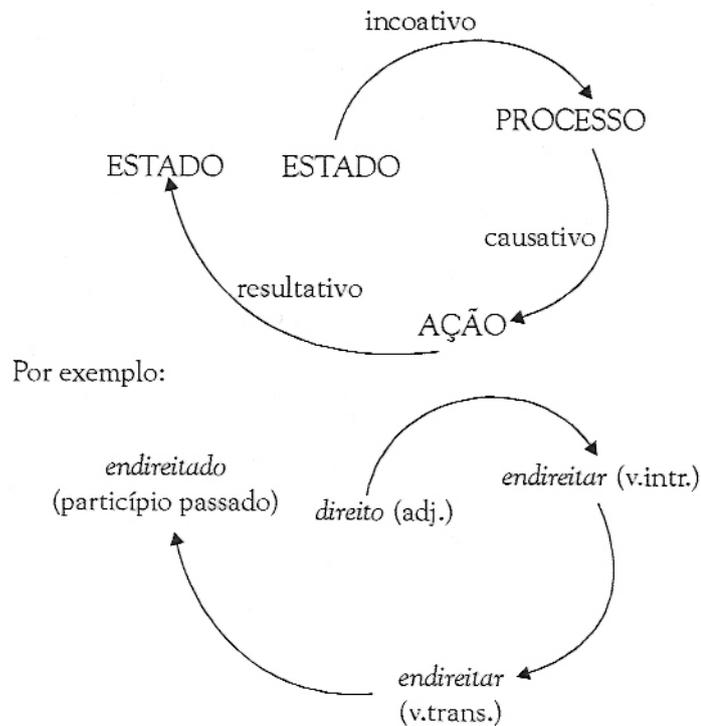
Causativo: denota uma ação que leva algo a acontecer. Ex: Abrir (verbo transitivo) é causativo de abrir (verbo intransitivo). Sendo assim, se uma pessoa abre a porta, ela leva (causa) a porta a abrir (no sentido intransitivo de abrir).

Resultativo: denota um estado resultante de alguma ação. Ex: o adjetivo ‘quebrado’ é resultativo do verbo transitivo ‘quebrar’. O estado de estar quebrado resulta da ação de quebrar.

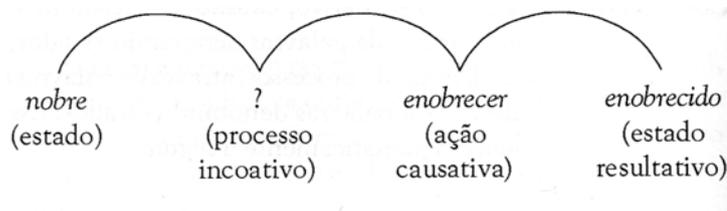
---

<sup>6</sup> ‘A fala da diretora empolgou todos os alunos’ (substantivo) e ‘Enquanto ele fala, todos ficam atentos às suas palavras’ (verbo).

As noções acima podem ser representadas diagramaticamente em forma de círculo, em que há palavras que denotam estados, outras que denotam processos, outras que denotam ações e, finalmente, palavras que denotam estados mais uma vez. Veja o exemplo retirado de Hurford & Heasley, 2004: p. 287:



Entretanto, nem sempre conseguimos encontrar casos em que as quatro formas do processo derivacional circular estão presentes. É possível termos lacunas em uma das posições, conforme o exemplo abaixo nos mostra:



Podemos pensar em exemplos na libras que apresentem pelo menos alguns destes processos, mas isso ainda deve ser pesquisado nessa língua. Procuramos levantar alguns exemplos e encontramos os seguintes:

PAGAMENTO → PAGAR  
 (particípio) (v.trans.)

BRINCADEIRA → BRINCAR

(adjetivo)

(v.trans.)

Porém, isso não quer dizer que não exista uma forma de representar tal processo na língua em questão. O que ocorre é que utilizamos outras formas para transmitir o significado desejado, como uma locução ('tornar-se nobre'). Quando um processo derivacional pode ser usado para produzir uma palavra derivada de todas as palavras-fonte apropriadas, dizemos que ele é produtivo. Mas isso é difícil encontrar, é mais fácil nos referirmos a processos mais produtivos, processos menos produtivos e assim por diante.

Os processos derivacionais podem ser identificados por meio de termos sintáticos, de termos morfológicos ou de termos semânticos. Muitas vezes, um mesmo processo morfológico pode corresponder a diferentes processos sintáticos e/ou semânticos. Observe o sufixo -ria. Ele é associado a diferentes classes semânticas de palavras, como local físico (livraria), como atividade/ocupação (artilharia) e como coleção de objetos (cutelaria). Dentre esses três processos, podemos dizer que o último deles é o menos produtivo em português do que os outros.

É possível, também, representar o significado de formas derivadas em um dicionário de forma bem direta. Veja os exemplos:

'queimado': resultativos de 'queimar'

'mais forte': comparativos de 'forte'

E na língua brasileira de sinais, encontramos processos derivacionais? Nós já vimos alguns processos de derivação em Libras I, mas há poucas investigações para identificar todos os processos existentes.

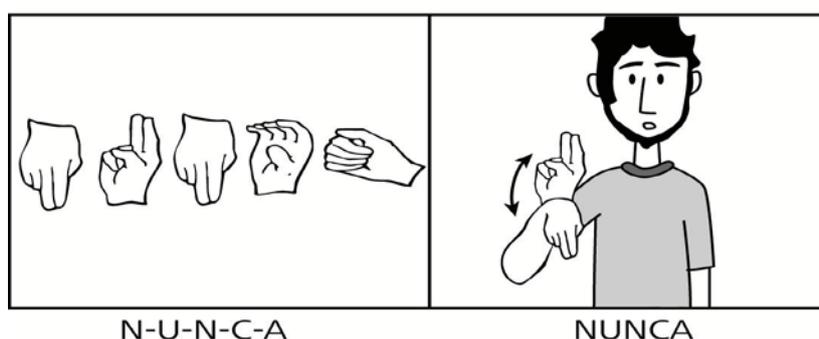
Em relação às línguas de sinais de modo geral, estudos mostram que na ASL os processos de derivação dos itens lexicais podem ser realizados por meio de três mecanismos de expansão lexical, segundo Bellugi e Newkirk (1980). São eles:

- Dispositivos externos – empréstimos da língua dominante;
- Dispositivos internos – processos gramaticais;
- Mímica descritiva.

O primeiro mecanismo é manifestado na derivação dos itens lexicais da ASL através de três recursos. O caso mais comum é a soletração com os dedos, representando as letras do Inglês escrito. No Brasil, também se apresenta a utilização deste recurso. A LIBRAS dispõe do alfabeto manual que representa as letras do Português escrito. O uso deste mecanismo ocorre em sentenças sinalizadas. Tanto na ASL como na LIBRAS, os nomes próprios e termos técnicos são, normalmente, “soletrados” através do alfabeto manual.

Um fenômeno observado por Battison (1978), foi de que palavras tomadas de empréstimo do Inglês pela ASL, através da soletração, seguem mudanças formativas, tornando-se itens lexicais em ASL. Um caso típico na LIBRAS, que pode ser apontado como exemplo, é o do item lexical “nunca”. Esta palavra era soletrada através do alfabeto manual, mas evoluiu ao ponto de apenas um movimento de mão representá-la (figura 5).

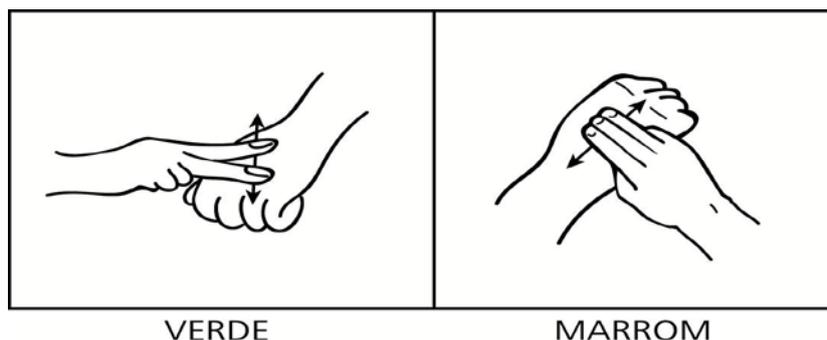
FIGURA 5



Outra maneira de se representar palavras no Inglês são os sinais inicializados com a letra correspondente à palavra. Vários exemplos são verificados na ASL, pode-se citar cores, termos criados a partir da palavra no Inglês. No laboratório de pesquisas, Bellugi e Newkirk presenciaram a criação de muitos sinais, como por exemplo, o sinal para “modulation” que foi formado a partir do sinal de CHANGE inicializado por M. Isto se verifica também na LIBRAS.

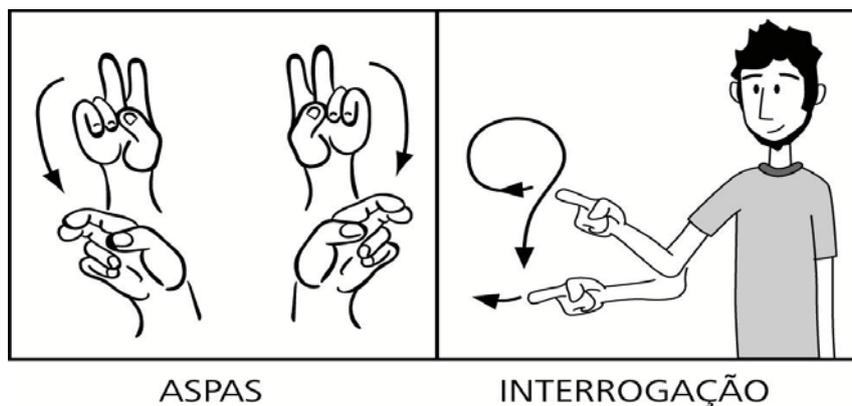
Um estudo realizado sobre cores por Ferreira Brito (1985), constatou a presença de empréstimos na LIBRAS da letra inicial da maioria das cores lexicalizadas no Português (Figura 6).

FIGURA 6



Outro tipo de mecanismo externo, citado por Bellugi e Newkirk, são os empréstimos de símbolos escritos ou impressos de pontuação. Assim como na ASL, na LIBRAS este mecanismo também é percebido. Por exemplo, os sinalizantes frequentemente fazem uso de sinais que copiam a forma do sinal gráfico, como as aspas, o ponto, a interrogação (Figura 7).

FIGURA7



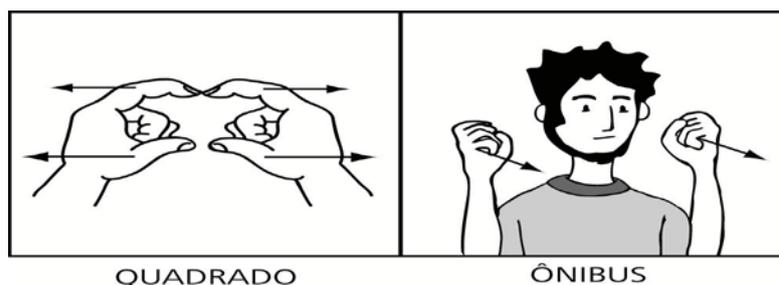
Quanto ao dispositivo de expansão interna, a ASL, como qualquer outra língua, desenvolveu mecanismos próprios para criação e elaboração de itens lexicais. Há vários processos que foram observados por Bellugi e Newkirk, estes serão citados um a um por merecerem destaque nos trabalhos que vem sendo realizados na área da semântica. São eles:

1. Processos de Composição – Dentro da coleção de sinais inventados coletada pelos pesquisadores, há muitas unidades compostas nas quais dois ou mais sinais são usados para expressar conceitos anteriormente não designados. Na

LIBRAS, são encontrados vários exemplos envolvendo este processo, dentre eles pode-se citar os sinais compostos que, como na ASL, apesar de apresentarem formas diferentes, têm como equivalente no Português e no Inglês “anti-concepcional”, os sinais PREVENÇÃO GRAVIDEZ.

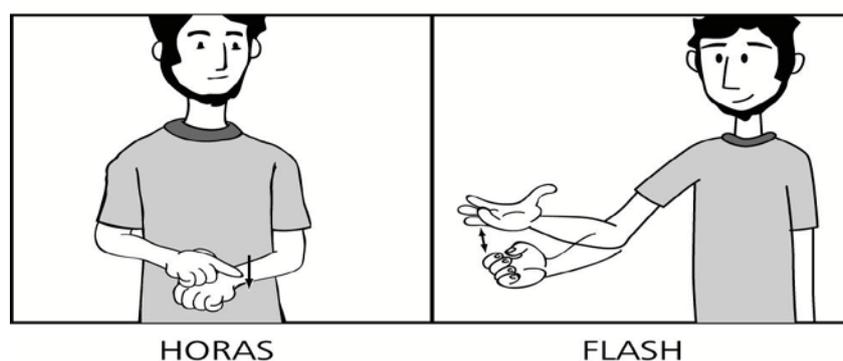
2. Substantivos compostos – A composição lexical na ASL ocorre de modo a permitir a extensão dos significados bem como a criação de novos significados. Um exemplo na ASL deste tipo de derivação é DORMIR AMANHECER que significa ter dormido demais.
3. Compostos inventados – Muitos sinais inventados ou recém-formados, que fazem parte dos dados coletados por Bellugi e Newkirk, são compostos “ad-hoc”. Um exemplo, comum à LIBRAS, é a PILULA CALMA, que equivale no Inglês e no Português a “tranqüilizante”. Estas combinações podem passar a ser substantivos compostos integrando-se à língua. Esta é uma maneira produtiva de expandir o léxico a partir de radicais já existentes.
4. Compostos com indicadores de tamanho e formato – Estes compostos derivam de uma classe de formas chamada de indicadores de tamanho e formato que não apresenta equivalente no Inglês. Há vários exemplos no Inglês, como RETÂNGULO VERMELHO como o significado de “tijolo”. Exemplos similares a estes são encontrados na LIBRAS, como RETÂNGULO CONSTRUÇÃO para “tijolo”, CARTA RETANGULAR para “envelope”, RETÂNGULO ÔNIBUS para “passagem”, RETÂNGULO DINHEIRO para “talão de cheques” (Figura 8).

FIGURA 8



Outra classe de formas descreve a ação ou projeção dos objetos. Um exemplo na ASL, citado neste trabalho, coincide com a LIBRAS, que é chamado por estes pesquisadores de FLASH. O composto FLASH HORA designa os relógios despertadores utilizados por surdos que piscam uma lâmpada ao invés de soarem. Este exemplo se estende para a campainha (Figura 9).

FIGURA 9



5. Compostos coordenados – Foi constatado um conjunto de sinais na ASL que consiste em uma seqüência de sinais seguidos de um sinal que significa ETC, com o composto inteiro se referindo a um conceito ordenado. Por exemplo: LAVADORA - SECADORA - FOGÃO ETC que corresponde a “eletrodomésticos”. Para termos comuns como “frutas”, “verduras”, “meios de comunicação”, “meios de transporte”, e outros, não existem sinais simples em ASL, o que ocorre é o empréstimo do Inglês através da soletração ou a composição coordenada, conforme o exemplo acima mencionado. Na LIBRAS, verifica-se o mesmo processo. Por exemplo, para “frutas” usa-se o composto coordenado MAÇA LARANJA ETC (Figura 10).

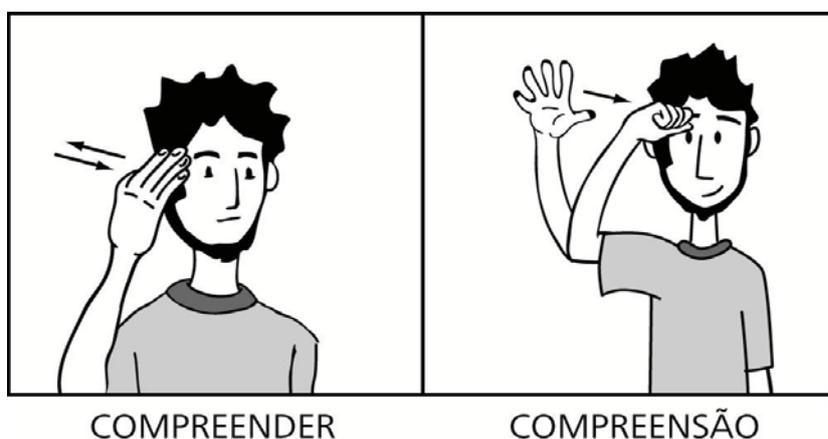
FIGURA 10



Este processo, ao contrário dos descritos anteriormente, não apresenta uma ordem fixa nos itens lexicais para compor tal significado. É um processo que apresenta um ritmo especial, por exemplo, na LIBRAS, conforme a Figura 6, para significar “frutas”, tanto o sinal para “maçã” como para “laranja” são realizados no mesmo ponto de articulação facilitando a composição do sinal e são enfraquecidos, minimizando a transição de um sinal para o outro.

6. Processos derivativos – Entre os sinais inventados na ASL há um grande número de itens que se derivam morfologicamente de um único sinal na ASL. Isto reflete um processo derivativo dentro da ASL pelo qual os itens lexicais básicos podem ser construídos de várias maneiras. Na ASL há muitos substantivos e verbos relacionados derivativamente. Por exemplo, ANALISAR e ANÁLISE. Na LIBRAS, pode-se verificar exemplos como este, SENTAR, SENTADO, SENTADO-EM-RODA que apresentam variações no movimento, COMPREENDER e COMPREENSÃO, que variam a configuração da mão e o movimento (Figura 11).

FIGURA 11



Existem processos derivativos na ASL que operam regularmente em predicados que se referem a estados temporais tais como: DOENTE, QUIETO, etc. O processo pode derivar uma mudança no significado destes predicados tornando-os características inerentes ao invés de estados temporários. Por exemplo, o movimento

do sinal QUIETO é modificado de tal forma que passa a significar “quieto por natureza”.

Há também processos que envolvem um significado figurativo ou extensivo. Em ASL parece haver mudanças no significado acompanhadas de mudanças mínimas nas dimensões do movimento do sinal. Estes derivados são chamados de “idiomáticos”, pelos pesquisadores Bellugi e Newkirk, porque não foram encontradas mudanças consistentes no significado em relação à mudança na forma.

Os processos de flexão e de derivação podem co-ocorrer com os processos de composição para expandir o léxico da ASL e expressar, indefinidamente, novos conceitos.

O terceiro mecanismo de expansão do léxico na ASL são os sinais miméticos. Muitos dos sinais inventados ou formados da ASL foram compostos de partes significativas de sinais em novos arranjos com uma representação transparente do formato, da moldagem e da qualidade de seus referentes. A configuração da mão, a localização e o movimento destas invenções são convencionalizadas e as combinações são feitas de acordo com as restrições da ASL nas formas do sinal.

Bellugi e Klima (1979) mencionam os processos modulativos influenciados pela morfologia da ASL. Estes processos exibem uma sistemática interna em suas diferentes dimensões correlatas a uma rede de distinções semânticas. O processo modulativo pode se aplicar a um sinal com ordens alternativas das diferentes hierarquias das estruturas semânticas, sendo altamente recursivo. Por exemplo, o sinal não-flexionado ENTREGAR na ASL pode ser flexionado de diferentes formas: duracional (entregar continuamente), exaustivo (para cada um), exaustivo-duracional (entregar para cada um continuamente), direcional-exaustivo (entregar continuamente para cada um, de cada vez) e assim sucessivamente. Este processo também se verifica na LIBRAS.

Com o exposto acima, pode-se verificar que o vocabulário das línguas de sinais é rico, expandido por um grande número de processos para a criação de novos conceitos.

Para finalizar, vamos conceituar a ‘Forma supletiva’. Esta é um processo através do qual, em casos irregulares e idiossincráticos, a substituição de uma forma morfológicamente não relacionada é associada aos processos semânticos e/ou sintáticos específicos que normalmente acompanham um processo morfológico. Vamos tomar como exemplo ‘ruim’ e ‘pior’. ‘Pior’ está semanticamente relacionado a

‘ruim’, apesar de não existir relação morfológica entre as duas palavras, ou seja, não há semelhança fonética entre elas. Na LIBRAS, podemos utilizar o mesmo exemplo para representar a forma supletiva. Os sinais para RUIIM e PIOR também não apresentam semelhança morfológica, mas estes sinais estão relacionados semanticamente.

## **Papéis de participantes**

Nesta seção, vamos verificar quais são os principais papéis dos participantes em uma sentença. Podemos dizer que uma sentença simples possui um predicado e um número de expressões referenciais. Estas expressões referem-se a pessoas, a coisas reais no mundo, por meio da referência. Já o predicado tem como função descrever a relação entre as pessoas e as coisas referidas, de forma a mostrar a participação das mesmas na situação descrita por uma sentença. Veja os exemplos:

João quebrou o vidro da janela com a pedra.

A pedra quebrou o vidro da janela.

O vidro da janela quebrou.

Com esses exemplos vemos que o papel desempenhado pelos objetos participantes (‘o vidro da janela’ e ‘a pedra’), bem como pelas pessoas participantes (‘João’) das sentenças não variam, mesmo eles estando em posições diferentes em cada sentença. Os papéis desempenhados são: AGENTE (João), PACIENTE (o vidro da janela) e INSTRUMENTO (a pedra).

**AGENTE:** é a pessoa que deliberadamente está executando a ação descrita.

**PACIENTE**<sup>7</sup>: é a coisa (normalmente não uma pessoa, embora possa ser) sobre a qual a ação é executada.

**INSTRUMENTO:** é a coisa (raramente uma pessoa) mediante a qual a ação é executada.

---

<sup>7</sup> Também pode ser chamado de ‘AFETADO’.

Outros dois papéis semânticos que também podem ser encontrados em uma sentença são:

**LOCALIZAÇÃO:** qualquer expressão que se refira ao lugar onde a ação descrita por uma sentença toma lugar. Veja nos exemplos abaixo as expressões sublinhadas:

Brasil é um país tropical.

Encontrei Pedro no supermercado.

**BENEFICIÁRIO:** é a pessoa em cujo benefício ou prejuízo a ação descrita pela sentença é executada. As expressões sublinhadas abaixo são exemplos:

Joana deu um presente para Antonio.

Paulo enviou a Carla uma proposta de emprego.

Assim como os outros aspectos abordados nesse capítulo, a informação sobre o papel dos participantes também pode constar em entradas de dicionários. Desta forma, cada verbo da língua teria uma estrutura para papéis, indicando quais papéis devem ou podem ser mencionados em relação ao verbo.

**QUEBRAR: (AGENTE) AFETADO (INSTRUMENTO)**

Conforme mostra o exemplo acima, a partir das sentenças mostradas no início dessa seção, os parênteses indicam que tais papéis (Agente e Instrumento) são opcionais com esse verbo. O mesmo não acontece com o papel que está fora dos parênteses (Afetado) que é obrigatório na sentença. Com isso, verificamos que, ao descrever algum ato de 'quebrar', é preciso mencionar o que foi quebrado e podemos ou não indicar quem quebrou e com o que ele o fez. Relembrando as sentenças com 'quebrar', em todas as três sentenças 'o vidro da janela' é mencionado, enquanto 'João' e 'a pedra' não são mencionados em uma e duas sentenças, respectivamente.

Existem outros papéis de participantes encontrados na literatura, mas eles não serão mencionados aqui. Os cinco papéis descritos acima são os mais comuns e os mais facilmente identificáveis. Entretanto, não podemos generalizar os papéis dos

participantes para todas as sentenças. Algumas vezes é difícil atribuir papéis de forma clara e há necessidade de mais estudos e reflexão nesta área da semântica.

Os papéis dos participantes também podem ser observados nas línguas de sinais e estes apresentam especificidades em função da diferença de modalidade. Meir et al (2008) faz uma análise das classes verbais em línguas de sinais, enfocando também a questão dos papéis dos participantes.

### **Leitura obrigatória**

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M. & SANDLER, W. Repensando classes verbais em língua de sinais: o corpo como sujeito. Anais do TISLR 9, 2006. Editora Arara Azul. 2008.

## **Sobre dicionários de língua de sinais**

Agora que já verificamos como os dicionários podem ser organizados de forma geral, vamos verificar como são organizados os dicionários de língua de sinais. Estelita (2006) observou diferentes formas de se organizar um dicionário de língua de sinais e um aspecto relevante nessa questão é a forma como representar os sinais em papel. As possibilidades encontradas são várias, como desenhos, fotos, descrição dos sinais, outras formas de notação escrita ou uma combinação de duas ou mais destas formas.

No Brasil, os dicionários impressos de LIBRAS costumam representar os sinais por diversos meios, como a combinação de desenho e descrição, a utilização da ordem alfabética da tradução dos sinais para o português, a organização temática de sinais, ou seja, agrupando grupos de sinais por idéias afins, o uso de fotografia, além da utilização de exemplos de frases em LIBRAS. Em Capovilla e Raphael (2001), por exemplo, são utilizados vários recursos para representar os sinais. A ordem adotada é a alfabética do português, mas outros recursos foram utilizados, como a fotografia, a descrição, a escrita em *Sign Writing*, a definição do sinal em português e inglês e desenho ilustrativo.

Já os dicionários digitais optam por uma outra classificação, mais relacionada com a língua de sinais. Os dicionários disponíveis na internet<sup>8</sup> costumam organizar os sinais por configuração de mão e, dentro de cada configuração de mão, utilizam a ordem alfabética do português. Além disso, representam os sinais por filmagem, com descrição e definição dos mesmos em português e trazendo também informações gramaticais e exemplos. Esses dicionários também oferecem a opção de busca pela ordem alfabética do português.

Como foi possível perceber, os dicionários de LIBRAS existentes se utilizam bastante da língua portuguesa escrita como um recurso para representar os sinais e/ou para defini-los. Isso acontece pelo fato de nenhuma língua de sinais ter um sistema próprio de escrita. O sistema americano *Sign Writing* é bem conhecido nas comunidades surdas, mas não é reconhecido oficialmente como um sistema de escrita de nenhuma língua de sinais. Mas será que existe algum sistema capaz de representar os sinais que não seja por meio da língua portuguesa escrita? Estelita (2006, 2007) propõe uma organização baseada em quiremas. Este sistema de escrita das línguas de sinais a autora chamou de ELiS (sigla para 'Escrita das línguas de Sinais') e sua estrutura será descrita abaixo.

Conforme mencionado por Estelita (2007), o sistema ELiS tem uma estrutura de base alfabética, linear e é organizado a partir dos parâmetros dos sinais propostos por Stokoe (1965). Esse sistema passou por algumas mudanças desde que foi elaborado e sua versão atual privilegia a escrita de quatro parâmetros: Configuração de Dedos (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de articulação (PA) e Movimento (MOV). Esses parâmetros são formados, cada um deles, por vários quiremas, sendo que suas representações gráficas são chamadas de 'quirografemas' e seu conjunto, 'quirograma', correspondendo respectivamente aos conceitos de 'letras' e 'alfabeto'. A ordem em que os parâmetros são escritos é sempre a mesma para cada sinal: CD, OP, PA e MOV e a escrita dos mesmos ocorre da esquerda para a direita.

Ao todo, há 90 quirografemas na ELiS e eles estão agrupados da seguinte forma:

- Configuração de dedos (CD): se subdivide em dois grupos – polegar e demais dedos.

---

<sup>8</sup> <http://www.ines.org.br/> e <http://www.acessobrasil.org.br/libras/> acessados em 11 de outubro de 2007.

### **Polegar:**

- *fechado: polegar dobrado em todas as suas articulações*
- ∖ *curvo: polegar dobrado apenas na primeira articulação*
- ✓ *paralelo à frente: polegar estendido à frente da palma, paralelamente a ela*
- ∖ *perpendicular à frente: polegar estendido perpendicularmente à frente da palma*
- | *paralelo ao lado: polegar estendido, ao lado da palma, paralelamente a ela*
- *perpendicular ao lado: polegar estendido perpendicularmente ao lado da palma*

### **Demais dedos:**

- *fechado: dedos dobrados em todas as suas articulações*
- ⌈ *muito curvo: dedos dobrados na segunda e na terceira articulações*
- ⌊ *curvo: dedos arqueados nas três articulações*
- ∖ *inclinado: dedos dobrados na terceira articulação*
- | *estendido: dedos com todas as articulações estendidas*

### **- Orientação da Palma (OP):**

- ⊥ *palma para frente*
- π *palma para trás*
- + *palma concêntrica (voltada para a linha mesial)*
- ++ *palma excêntrica (voltada para a linha distal)*
- ∧ *palma para cima*
- ∨ *palma para baixo*

- Ponto de Articulação (PA): se subdivide em quatro grupos – cabeça, tronco, membros e mão.

### **Cabeça:**

- ≠ *espaço à frente do rosto*
- ∩ *alto da cabeça*
- ⊆ *atrás da cabeça*
- } *lateral da cabeça*
- ς *orelha*
- ⌒ *testa*
- ⌊ *sobrancelha*
- ∞ *olho*
- ∪ *maçã do rosto*
- λ *nariz*

$\triangle$	<i>buço</i>
$\Xi$	<i>boca</i>
$\theta$	<i>dentes</i>
$\omega$	<i>bochecha</i>
$\cup$	<i>queixo</i>
$\Psi$	<i>abaixo do queixo</i>

### **Tronco:**

$\pi$	<i>pescoço</i>
$\phi$	<i>tórax</i>
$\oplus$	<i>espaço ao lado do tronco</i>
$\lrcorner$	<i>ombro</i>
$\lambda$	<i>axila</i>
$)$	<i>abdômen</i>

### **Membros:**

$\langle$	<i>braço inteiro</i>
$/$	<i>braço</i>
$\surd$	<i>cotovelo</i>
$\int$	<i>antebraço</i>
$\diamond$	<i>pulso</i>
$\#$	<i>perna</i>

### **Mão:**

$\mu$	<i>palma da mão</i>
$\Upsilon$	<i>dorso da mão</i>
$\Delta$	<i>dedos</i>
$)$	<i>lateral de dedo</i>
$\nabla$	<i>intervalo entre dedos</i>
$\#$	<i>articulação de dedo</i>
$\gg$	<i>ponta de dedo</i>

- Movimento (MOV): se subdivide em três grupos – externos à mão, internos à mão e sem as mãos.

### **Movimentos externos à mão:**

$\perp$	<i>para frente</i>
$\top$	<i>para trás</i>
$\neq$	<i>para frente e para trás</i>
$\uparrow$	<i>para cima</i>
$\downarrow$	<i>para baixo</i>

↕	<i>para cima e para baixo</i>
→	<i>para a direita</i>
←	<i>para a esquerda</i>
↔	<i>para a direita e a esquerda</i>
↖	<i>diagonal para cima e esq.</i>
↗	<i>diagonal para cima e dir.</i>
↙	<i>diagonal para baixo e esq.</i>
↘	<i>diagonal para baixo e dir.</i>
∂	<i>girar o antebraço</i>
○	<i>circular vertical</i>
◌	<i>circular horizontal</i>
@	<i>circular frontal</i>

### **Movimentos internos à mão:**

⊥	<i>abrir a mão</i>
⊥	<i>fechar a mão</i>
⊥	<i>abrir e fechar a mão</i>
⊥	<i>flexionar os dedos na 1<sup>a</sup>. artic.</i>
⊥	<i>flex. os dedos na 2<sup>a</sup>. artic.</i>
∨	<i>unir e separar os dedos</i>
≠	<i>friccionar de dedos</i>
≈	<i>tamborilar de dedos</i>
σ	<i>dobrar o pulso</i>
⊗	<i>mov. o pulso lateralm.</i>
α	<i>girar o pulso</i>

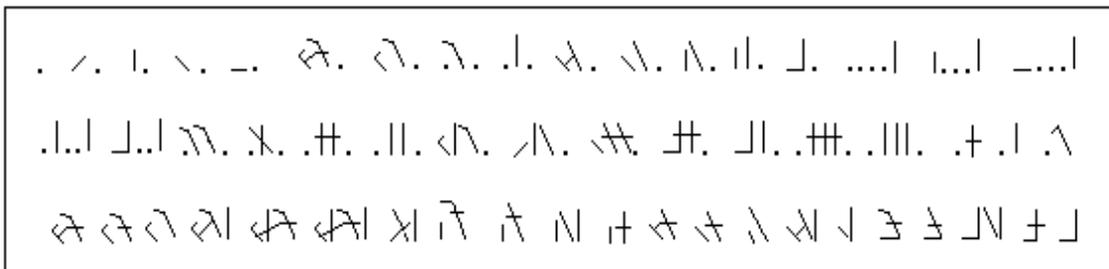
### **Movimentos sem as mãos:**

Ω	<i>negação com a cabeça</i>
⊥	<i>afirmação com a cabeça</i>
lb	<i>língua na bochecha</i>
∪	<i>língua para fora</i>
=	<i>corrente de ar</i>
[~]	<i>vibrar os lábios</i>
≅	<i>movimento lateral do queixo</i>
Ж	<i>murchar bochechas</i>
⊗	<i>inflar bochechas</i>
⊙	<i>abrir a boca</i>
÷	<i>piscar os olhos</i>

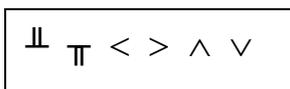
Os quirografemas do parâmetro Movimento, quando necessário, podem receber diacríticos que indicam qual dedo participa do movimento.

Para a organização e/ou busca das entradas de um dicionário quirográfico de língua de sinais, ou seja, baseado em quiremas, é necessário conhecer a organização interna de uma palavra no sistema ELiS. Como já mencionado antes, a ordem dos parâmetros é fixa e cada parâmetro também têm sua organização interna.

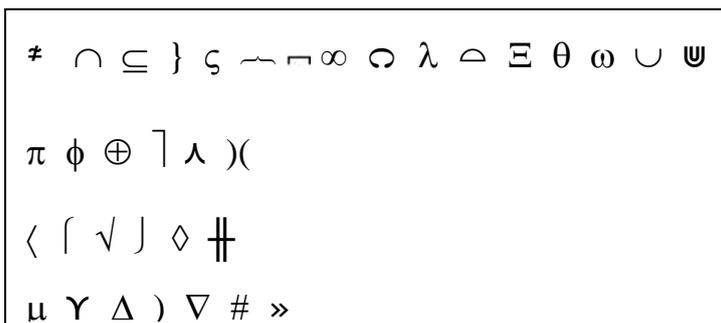
Quanto à Configuração de Dedos, a posição de cada dedo é definida da posição mais fechada para a mais aberta. Em relação à anatomia da mão, seguindo como referência a mão direita, o primeiro dedo a ser representado é o polegar, seguido do indicador, médio, anular e mínimo. As combinações de dedos separados são anteriores às de dedos unidos e estas são anteriores às de dedos cruzados. Também há uma organização para o número de dedos selecionados. Sendo assim, de acordo com as definições apresentadas acima, a ordem quirográfica de algumas configurações de dedos tem a seguinte seqüência:



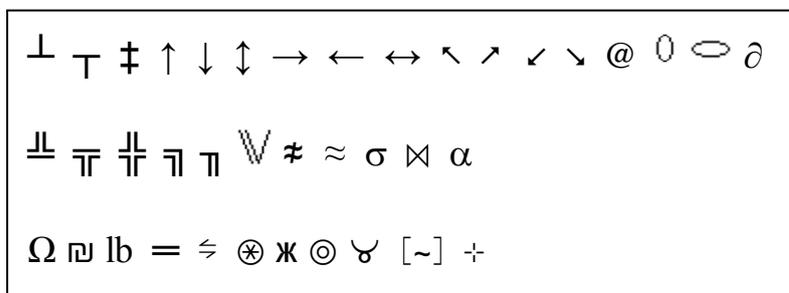
Já a seqüência para o parâmetro Orientação da Palma, segundo a autora, foi estabelecida de forma aleatória:



Em relação ao Ponto de Articulação, a ordem estabelecida seguiu a anatomia do corpo humano, de cima para baixo, começando pelos pontos da cabeça, depois pelo tronco, membros e finalizando nas mãos.



Por fim, quanto ao movimento, foi estabelecida a ordem dos grupos, começando por externos à mão, passando por internos à mão e sem as mãos, sendo que internamente a cada grupo a seqüência estabelecida foi aleatória.



Além das classificações internas de cada sinal, Estelita (2006) mostra que há critérios mais gerais para a organização de uma palavra em relação à outra. Veja quais são esses critérios:

- Os sinais monomanuais são anteriores aos bimanuais.
- Pode haver alteração de um quirema dentro de um parâmetro durante a realização de um único sinal. Nestes casos, os sinais sem alteração são escritos antes dos sinais com alteração.
- As letras sem diacríticos são anteriores às letras com diacrítico.
- O primeiro quirografia das palavras *digitadas* com o alfabeto dactilológico definirá a sua posição no dicionário, que será ao fim do grupo de palavras que se iniciam com o mesmo quirografia. Estas palavras serão organizadas seguindo a ordem quirográfica das Configurações de Dedos.
- As palavras realizadas com soletração rítmica são anteriores àquelas com o alfabeto dactilológico e seguem a mesma ordem quirográfica das outras palavras.
- As palavras que se iniciam com o mesmo quirografia serão assim hierarquizadas: as primeiras serão as palavras formadas pelos quatro parâmetros (ou três, na ausência de movimento) – estas organizadas segundo os critérios já apresentados –, seguidas das palavras formadas por soletração rítmica, terminando com as palavras *digitadas* com o alfabeto dactilológico.

O sistema de escrita ELiS pode ser mais uma forma de representar os sinais e pode ser utilizado como entradas de um dicionário de línguas de sinais. Para isso ocorrer, é necessário que mais surdos tenham acesso.

## Capítulo 3: Significado em contexto - o caso das metáforas na língua brasileira de sinais

### **Leitura Obrigatória:**

FARIA, Sandra Patrícia. (2006) *Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz?* ETD - Educação Temática Digital - Vol. 7, N° 2 .

Acesso: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=132>

No Brasil, a metáfora na língua de sinais brasileira foi tema de dissertação defendida por Faria (2003), onde teceu delineamentos teóricos acerca desse tipo de figura de linguagem, buscando alicerces nos estudos de metáforas na ASL (língua de sinais americana).

Lembrando que a metáfora tem seu fundamento, sua construção, sua inteligência e entendimento alicerçado na cultura de cada falante ou sinalizante de um país, nota-se que os surdos acham estranhas as palavras ditas em português em que há certa peculiaridade nos significados atribuídos pelos ouvintes na sua interação social. Isso acontece com o significado real da expressão dada pelos ouvintes, em que se constrói com base nas relações e ressignificações de cada grupo social, cultural. A seguir apresentamos o trecho de Faria (2003) que refere este fenômeno:

Os vocábulos das línguas, ao serem concatenados, produzem uma infinidade de trocadilhos cujos significados flutuam dos mais transparentes aos mais opacos; dos mais simples aos mais inusitados; dos mais grotescos aos mais poéticos. Essa recursividade encontra-se carregada da cultura vivenciada pelos indivíduos, na comunidade a que pertence. Por isso, muitas vezes, o que se diz é somente entendido por falantes nativos de dada língua ou por quem se encontra imerso nessa comunidade, por anos trocando, tropeçando e descortinando construções e interpretações as mais variadas, originadas no arcabouço lingüístico e criativo das trocas comunicativas.

Exemplo disso está o fato de que questões culturais incorporadas à LP não têm sido transmitidas naturalmente aos surdos brasileiros, como acontece com os ouvintes que, quando crianças, ouvem expressões ‘estranhas’, mas, aos poucos, vão descobrindo o que realmente elas significam e as naturalizam.

No entanto, o foco desta seção está nas metáforas na própria língua de sinais que podem ser de difícil compreensão para aqueles que estão aprendendo esta língua, exatamente pelo mesmo motivo exposto acima. Os ouvintes que estão aprendendo a língua de sinais têm dificuldades em compreender as relações e ressignificações que não partem dos significados dos próprios sinais, mas que apresentam uma interpretação culturalmente estabelecida.

É comum a Língua de Sinais Brasileira recorrer a empréstimos lingüísticos para complementar algo ou, ainda, os surdos naturalmente captam a idéia, as significações próprias da Língua Portuguesa e convencionam o sinal semelhante na forma e no sentido, como por exemplo, o fraseologismo “segurar a vela”. Tal exemplo significa que a pessoa não quer ficar “sozinha” com casais ou casal. E os surdos quando souberam da gíria proveniente do universo ouvinte, passaram a adotar a referida gíria na língua de sinais utilizando o sinal de “vela”. Assim estabelece, conforme a autora, uma metáfora equivalente na forma (“segurar a vela”) e no sentido (“não ficar sozinho...”) para ambas as línguas. Da mesma forma, há metáfora semelhante em que é equivalente no sentido, mas diferente na forma.

Por outro lado, há sinais em que não há equivalência na Língua Portuguesa e são originários do universo lingüístico criados pelos próprios surdos.

Foi observado como exemplo de caso uma faculdade de Manaus<sup>1</sup>, em que o intérprete sinalizava todas as gírias proferidas por alunos e professores ouvintes e, a partir de então, os surdos começaram a aperfeiçoá-los na forma e no sentido, ocorrendo o fenômeno da metáfora equivalente. Logicamente, que se tratava de empréstimos lingüísticos, contudo o fenômeno foi observado. Aos poucos, os surdos tendo uma espécie de “base lingüística” para o desenvolvimento de metáfora obtida com recursos utilizados pelos ouvintes, elaboravam outras ainda mais peculiares da cultura surda, resultando em sinais de metáfora diferente. Exemplos: [VASSOURA] = demissão; [INTELIGENTE] com movimento para baixo = burro.

Percebe-se, nesse tempo, que a autora elaborou uma taxionomia fazendo uma comparação entre a língua de sinais brasileira com a língua portuguesa e obteve dados das escolas de surdos do Distrito Federal. Classifica-se a metáfora da língua de sinais na comparação com os seus itens e fraseologismos em contraste com os da Língua Portuguesa.

**METÁFORA EQUIVALENTE** (equivalente na forma e no sentido): nesse caso, quando contrastam as duas línguas, verifica-se uma igualdade na forma escrita e na sinalizada, como é o caso de “cabeça dura”, cuja escrita é esta e que na sinalizada também remete à sinalização envolvendo a cabeça + o sinal de duro. Com relação ao significado, os dois parâmetros (forma e sentido) se coincidem nas duas línguas: ser teimoso. Outros exemplos:

[CARA-DE-PAU]

[FOLGADO]

[FICAR-DE-QUEIXO-CAÍDO]

[SEGURAR-VELA]

**METÁFORA SEMELHANTE** (equivalente no sentido, mas diferente na forma): ambas as línguas possuem formas equivalentes, como por exemplo, existe a mímica de uma mão tocando no cotovelo, entretanto o seu significado varia: para a Libras, tal sinal significa ciúme, para a Língua Portuguesa, é uma mímica representativa de dor de cotovelo. Outros exemplos:

FINGIR-NÃO-VER;

ENTRAR-NUM-OLHO-E-SAIR-NO-OUTRO

ESTAR-APERTADO-PARA-IR-AO-BANHEIRO;

ESTAR-COM-DOR-DE-BARRIGA

MORRER-DE-RIR;

## CHORAR-DE-RIR

**METÁFORA DIFERENTE** (diferente no sentido e na forma): comumente oriundo do universo lingüístico dos surdos, não tendo correspondência na Língua Portuguesa. Na Língua Portuguesa encontra-se apenas tradução dos sinais

[OLHOS-CAROS] = PESSOA QUE TEM AMPLA ACUIDADE VISUAL, PODE INDICAR TAMBÉM ESPERTEZA.

[MÃOS-DURAS] = QUE NÃO TEM MUITA FLUÊNCIA EM LS

[MÃOS-LEVES] = QUE SABE SINALIZAR MUITO BEM

O campo de metáforas em língua de sinais brasileira é imenso e necessita ser desbravado do norte ao sul, por todo o Brasil, nós, como professoras, apenas apresentamos estes pequenos exemplos, e o momento é de vocês, alunos, os primeiros graduandos em Letras/Libras!

## Referências bibliográficas

AHLGREN, I. (1990) Deictic pronouns in Swedish and Swedish Sign Language. IN: Theoretical Issues in Sign Language Research, Vol. I: Linguistics, eds. S.D. Fischer & P. Siple., 167-174. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

BERENZ, N. (1996) *Person and Deixis in Brazilian Sign Language*. Ph.D. Dissertation. University of California.

BERENZ, N.; FERREIRA-BRITO, L. (1987) Pronouns in BCSL and ASL. IN: SLR '87: Papers from The Fourth Internacional Symposium on Sign Language Research, eds. W.H. Edmondson & Karlsson. Vol 10, p. 26-36.

CAPOVILLA, F. C. et al. Quando surdos nomeiam figuras: processos quirêmicos, semânticos e ortográficos. IN: *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 1-350, jul./dez. 2006.

ESTELITA, M. (2006) Por uma ordem "alfabética" nos dicionários de línguas de sinais. Ensaio. (Doutorado em Lingüística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ESTELITA, M. (2007) ELiS – Escrita das Línguas de Sinais. IN: *Estudos Surdos II – Série Pesquisas*. QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. (Org.). 212-237. Petrópolis, RJ: Arara Azul.

FARIA, Sandra Patrícia de. A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos. Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2003.

HURFORD, J. R. & HEASLEY, B.; tradução de Delzimar da Costa Lima e Dóris Cristina Gedrat. Curso de Semântica. Canoas: Ed. ULBRA, 2004. 394 p.

KEGL, J. *Pronominalization on ASL*. MIT. [Cambridge, Massachussetts] 1987.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. S. (1990) Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. IN: *Theoretical Issues in Sign Language Research, Vol. I: Linguistics*, eds. S.D. Fischer & P. Siple, 191-210. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

MEIER, R.P. (1990) Person deixis in American Sign Language. IN: *Theoretical Issues in Sign Language Research, Vol. I: Linguistics*, eds. S.D. Fischer & P. Siple., 175-190. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

PETITTO.L. (1986) *From Gesture To Symbol: The relation between form and meaning in the acquisition of personal pronouns in ASL*. Indiana University Linguistics Club.

PETITTO.L. (1987) On the Autonomy of language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. In *Cognition*. Elsevier Science Publishers B.V. v.27. p.1-52.

---

<sup>i</sup> Faculdade Martha Falcão, de Manaus-AM